

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

FERNANDA FRANCIANE CORREA RODRIGUES

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS E
PANDEMIA DE COVID-19 EM PORTO ALEGRE (RS)**

Porto Alegre

2022

FERNANDA FRANCIANE CORREA RODRIGUES

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS E
PANDEMIA DE COVID-19 EM PORTO ALEGRE (RS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Tarabal Lopes

Porto Alegre

2022

FERNANDA FRANCIANE CORREA RODRIGUES

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS E
PANDEMIA DE COVID-19 EM PORTO ALEGRE (RS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Tarabal Lopes

Conceito Final: Aprovado.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a. Dra. Fernanda Tarabal Lopes - EA/UFRGS

Prof.^a. Dra. Maria Tereza Flores Pereira - EA/UFRGS

Juliana Schneider Mesquita - Doutoranda PPGAdm/UFES

Dedico este trabalho especialmente
a minha avó Honestina, que,
apesar de não estar mais neste plano,
olha por mim de onde estiver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre presente, que coloca no meu caminho pessoas especiais. Aquele que me concede forças para vencer os obstáculos da vida.

Aos meus guias espirituais que me apoiaram e guiaram em toda esta caminhada.

Aos meus pais Carmem e João pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

Sou grata pela confiança depositada na minha proposta de pesquisa pela minha professora Dr.^a Fernanda Tarabal Lopes, orientadora do meu trabalho. Obrigado por ser tão acolhedora e por me manter motivada durante todo o processo.

Agradeço também ao professor Dr. Guilherme Dornelas Camara pela sua paciência e compreensão das minhas dificuldades, não me deixando desistir do projeto de TCC.

Agradeço ao meu companheiro Jefferson pelo carinho, parceria, atenção e apoio ao longo da construção deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus amigos e familiares que me encorajaram e apoiaram ao longo de todo o tempo em que me dediquei a este trabalho.

Agradeço muito à minha psicóloga Fernanda por toda dedicação e comprometimento, pois tem me ajudado muito. Você é demais.

Agradeço às entrevistadas que disponibilizaram um tempo diante de suas correrias para o nosso encontro, vocês são a essência deste trabalho. Esta vitória é também a vitória de todas vocês.

Aos meus colegas de curso e de empresa, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

Por fim, agradeço a todos de coração, os que foram aqui mencionados e os que não, porque não dá para falar de todos em particular, mas todos foram importantes para meu percurso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

RESUMO

O estudo tem como foco principal abordar questões que envolvem o empreender da mulher negra, pois ainda antes da pandemia da Covid-19, em suas trajetórias já vinha superando e resistindo a diversas barreiras. É perceptível que as dificuldades impostas às mulheres negras na sociedade refletem diretamente em seus empreendimentos. Dessa forma, optou-se por compreender as trajetórias das mulheres negras no empreendedorismo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo para recolhimento dessas trajetórias, por meio de entrevistas temáticas com dados biográficos de oito mulheres negras empreendedoras da região de Porto Alegre. Os resultados obtidos apontam que o que fez diferença para essas mulheres que possuem a capacidade de resiliência e de assumir risco, foi poder contar com uma rede de apoio formada por familiares, amigos, companheiros, grupo de empreendedores negros, de mulheres empreendedoras, associações e coletivos afros. Portanto, as transformações percebidas foram além dos negócios, houve mudanças em suas atitudes como empreendedoras de buscar novos caminhos e novas possibilidades em outros ramos.

Palavras-chave: Empreendedorismo negro. Mulheres negras. Trajetórias de vida. Pandemia.

ABSTRACT

The study's main focus is to address issues involving the entrepreneurship of black women, because even before the Covid-19 pandemic, in their trajectories they had already been overcoming and resisting various barriers. It is noticeable that the difficulties imposed on black women in society reflect directly on their ventures. Thus, we chose to understand the trajectories of black women in entrepreneurship. To this end, a field research was carried out to collect these trajectories, through thematic interviews with biographical data of eight black women entrepreneurs from the Porto Alegre region. The results obtained point out that what made the difference for these women, who have the capacity for resilience and risk-taking, was being able to count on a support network made up of family members, friends, companions, groups of black entrepreneurs, women entrepreneurs, associations, and afro-collectives. Therefore, the transformations perceived went beyond business; there were changes in their attitudes as entrepreneurs to seek new paths and new possibilities in other fields.

Keywords: Black entrepreneurship. Black women. Life trajectories.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	8
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
1.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 EMPREENDEDORISMOS E SUAS INTERFACES	16
2.2 RAÇA E GÊNERO: DESAFIOS NO EMPREENDEDORISMO	22
2.3 COVID-19 E SEUS IMPACTOS NO EMPREENDEDORISMO	27
3 CAMINHOS PERCORRIDOS	30
3.1 RECOLHIMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	31
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	32
3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	33
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
4.1 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS.....	35
4.2 O EMPREENDER PARA UMA MULHER NEGRA: “ESSE MOVIMENTO DAS MULHERES NEGRAS, QUE NÃO É DE AGORA, VEM DE SÉCULOS” (Aisha)	38
4.3 O RACISMO QUE PERPASSA TODOS OS ÂMBITOS DA VIDA DE UMA MULHER NEGRA: “DE SER QUESTIONADA SE EU SOU A DONA DA MARCA, QUANDO TU VAI NUMA EMPRESA TRATAR, E AS PESSOAS ACHAM QUE TU É O FUNCIONÁRIO QUE VEIO FALAR SOBRE AQUILO” (Dandara)	45
4.4 EMPREENDEDORISMO COLABORATIVO E SENSIBILIDADE NO EMPREENDER: “ENTÃO TEM UMA CREDIBILIDADE A SER PASSADA, MAS PARA ALÉM DA CREDIBILIDADE, UM AFETO” (Sabali)	49
4.5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PANDEMIA: “ACHO QUE A GENTE FEZ UM ESFORÇO MUITO GRANDE PRA MANTER O NEGÓCIO” (Aisha).....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	70
ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO	71

PRÓLOGO

A escolha de ter como tema de pesquisa a ação de empreender está intimamente ligada às minhas experiências e de outras mulheres negras, que vislumbram o ato de abrir o próprio negócio uma forma de realização profissional em um contexto de barreiras raciais. Minha trajetória dentro do mercado de trabalho foi de muitos questionamentos e certas revoltas. Alguns acontecimentos passados geraram em mim, assim como em algumas das mulheres que compõem este trabalho com suas narrativas, o entendimento de que empreender seria uma forma de ascensão financeira e ao mesmo tempo de driblar os efeitos do racismo cotidiano e estrutural em nossas trajetórias pessoais e profissionais.

As situações que impulsionaram os questionamentos aqui desenvolvidos enquanto pesquisa, vem sendo relatadas e denunciadas por profissionais negros das mais diversas áreas, em relação às suas trajetórias. Situações como processos seletivos em que, mesmo atendendo a todos os pré-requisitos das vagas, a insegurança se instaura ao perceber que pessoas negras ocupam somente cargos de limpeza na empresa. Entrevistas em que o fato de a candidata ser uma mulher negra, causa surpresa frente ao currículo adequado para a vaga, trazendo à tona uma série de questionamentos e exigências até então não informadas à candidata. E quando enfim se consegue uma "oportunidade", torna-se uma batalha permanecer dentro de culturas organizacionais que ignoram a existência do racismo operando dentro de empresas.

Neste diálogo entre minhas vivências e conversas com outras mulheres negras é possível visualizar as estruturas de diferenciação racial em nossas trajetórias profissionais, ao mesmo tempo em que tornam visíveis as dificuldades de combater estas mesmas estruturas. Por mais qualificadas que sejamos, o racismo opera dificultando acesso a determinadas posições e ao nosso desenvolvimento profissional. As trajetórias narradas contam de constantes cobranças, diretas e indiretas, para que se provem suas capacidades e assegure sua legitimidade, levando essas mulheres a reescrever seus caminhos profissionais por meio de ideias empreendedoras.

A educação tem um papel fundamental neste contexto e para elucidar isso, contarei brevemente a minha história. Retornando no tempo, ao momento que decidi estudar Administração, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) não

parecia ser uma possibilidade. A informação de que se trata de uma instituição pública e gratuita, não chega para todos. Ao contrário, o que chegam são os avisos de que se trata de uma universidade “para quem tem dinheiro, para a elite”. O que chega a muitos são os baldes de água fria. Por certo tempo acreditei nisso. Fui estudar o que estava ao meu alcance naquele momento: dois cursos técnicos gratuitos. Senti a necessidade de seguir para uma nova etapa, visando mais oportunidades de trabalho e melhores condições salariais. Tentei pagar mensalidades em uma faculdade privada, ganhando um salário mínimo, fazendo uma cadeira por semestre e tendo a consciência de que levaria um tempo maior para me formar.

O importante era estar estudando. Decidi abrir mão do curso, pois houve um momento em que tive que fazer uma escolha: ou ajudava a pagar o financiamento de uma casa com minha mãe, ou pagava a faculdade. Neste período descobri que a UFRGS é uma universidade pública e gratuita. Descobri também a existência das ações afirmativas de ingresso no vestibular. Juntei dinheiro para pagar um pré-vestibular e tentar minha retomada nos estudos. Sem pensar duas vezes, fui em busca deste ingresso na UFRGS. A escolha de juntar dinheiro e pagar um curso preparatório atendia a necessidade de complemento ao ensino precarizado que tive nos anos escolares, vividos em escola pública.

Nunca pude me dedicar somente aos estudos. Sempre foram duplas ou triplas jornadas: trabalhando em dois lugares e estudando à noite. Na universidade, os comentários destrutivos anteriores tomam outra forma: “só entrou porque foi por cotas”, “cadê seu mérito?”. Estes comentários maldosos, fáceis de serem ditos, ignoravam uma trajetória de escolhas difíceis e dificuldades impostas por uma sociedade desigual. Olhar ao redor, na sala de aula do curso preparatório, a maioria massiva de pessoas brancas, informava acessos. Em uma turma de 40 alunos, cerca de 4 eram negros. Nas disciplinas, já na universidade, o número de estudantes variava de 2 a 5 alunos negros, em turmas de 35. A cada passo que fui dando, sempre aquela reflexão: “só tem branco”.

Lembro de duas falas de meus pais, ao longo de minha vida: “estude pra ser gente”, “estude para ser a primeira negra a ocupar determinados locais”. Meu pai, um homem negro, apesar de não ter estudo e não dispor naquele momento de recursos financeiros para que eu pudesse cursar um curso dos nossos sonhos, me apontou caminhos importantes, pois ele já tinha essa percepção da importância de

ocuparmos todos os espaços e seguir estudando. Eu criei forças olhando para a realidade da família e fui em busca de ferramentas para cursar o ensino superior.

Chegado o momento da minha entrada, ser a primeira da minha da família a cursar uma universidade pública, trazia orgulho e responsabilidades grandes. Eu precisava permanecer. Foi difícil, mas desistir era inimaginável. É preciso olhar para os que vieram antes, para que outros vejam que é possível, por exemplo, cursar uma universidade. Não será fácil, mas acredito em nossa capacidade de resiliência e resistência de anos.

Esses espaços padrões e ocupados quase que exclusivamente por pessoas brancas, precisam também ser nossos espaços. Ouvi dizer que a “UFRGS abria portas”, mas não é a mesma porta que é aberta para todo mundo. A experiência de estar em um espaço acadêmico, como estudante negro é muito mais difícil. A sensação de não pertencimento daquele espaço é grande. Fui saber da existência de autores e intelectuais negros em uma cadeira de filosofia. Senti um misto de sentimentos de alegria e revolta. Porque não se propaga a educação e produção científica desses autores? Hoje entendo isto através do conceito de racismo estrutural, desenvolvido pelo Prof. Silvio Almeida em seu livro de mesmo título. É um sistema esquematizado por quem detém o poder, baseado na opressão racial e na inferiorização de pessoas negras. Sendo assim, passa-se uma vida toda com dificuldades de acesso, estruturadas pelo racismo. Fui desenvolvendo minha consciência racial e houve lugares importantes nesse processo. Lugares em que pude me sentir pertencente. Assim conheci o Afro Talks, evento promovido pela Associação Afro Odaba.

Ao frequentar esses eventos afros, tive a oportunidade de conhecer um pouco do trabalho de algumas mulheres negras empreendedoras que participaram das feiras como expositoras. Nesse espaço, além do comércio de produtos e serviços, pude acompanhar rodas de conversas e palestras que traziam questões raciais para que nós, pessoas pretas, frequentadores e empreendedores tivessem conhecimento de nossas histórias e o despertar da consciência racial. Algo que observava é que esses locais, em sua grande maioria eram compostos por mulheres negras expositoras e isso me chamou atenção. Nascia ali o interesse em conhecer suas trajetórias e poder aprender através de suas vivências como empreendedoras. A pandemia me trouxe a preocupação sobre como estaria sendo para as expositoras, mulheres negras empreendedoras, lidar com este contexto.

Sendo assim, fazer um TCC para apresentar a trajetória de mulheres negras empreendedoras é uma forma de mostrar a experiência delas para outros empreendedores. Uma forma de inspiração e produção de saberes a partir das vivências de mulheres negras empreendedoras. Então, daqui a alguns meses, quando estiver me formando, vou saber e sentir que esse canudo vai ter várias mãos de outras pessoas negras: têm família, amigos, colegas. Tem todo mundo aqui. É importante levar esse tipo de pesquisa que é feita por pessoas negras e que tratam dos saberes e práticas produzidos por pessoas negras, para dentro da produção acadêmica em Administração, sobretudo no que se refere ao empreendedorismo.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar questões que envolvem o ato de empreender das mulheres negras, pois, desde antes da pandemia da Covid-19, em suas trajetórias enfrentam diversas barreiras, como desemprego, carência de oportunidades e falta de flexibilidade no mercado de trabalho. Segundo Almeida (2019, p. 7),

Mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisões, expostas a todo tipo de violência.

Nesse cenário, empreender pode ser uma forma de driblar as estratégias do racismo estrutural. Porém, ainda assim, conforme pesquisa feita por Machado e Paes (2021), existem diversas dificuldades com as quais as mulheres negras empreendedoras precisam lidar para administrar seus negócios, como questões financeiras, familiares, preconceitos e racismo.

As dificuldades das mulheres negras no contexto social são indicadas em um dos primeiros conceitos da interseccionalidade: o fato de as mulheres negras enfrentarem situações diferentes das situações enfrentadas por mulheres brancas, ou homens negros e brancos. Isso as coloca em uma posição de condicionamento, o que pode limitar as suas ações sociais. A interseccionalidade que caracteriza, dentre outros aspectos, um cruzamento entre gênero e raça, coloca a mulher negra no extremo desses dois grupos, o que reflete na sua marginalização em diversos aspectos da vida social (CRENSHAW, 2004).

Na contemporaneidade, esse conceito foi ampliado no reconhecimento de outras opressões sofridas pelas mulheres negras além de gênero e raça, ou seja, “a interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis a colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2020, p. 63).

É possível perceber a realidade das mulheres negras no estudo do IBGE de 2019, intitulado “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”. Em relação às razões de rendimentos, elas recebem menos da metade do que recebe um homem branco, equivalente a 44% do que esses homens recebem; o segundo grupo em vantagem de rendimentos é o da mulher branca, em que a mulher negra recebe o

equivalente a 58,6% dos rendimentos dessas mulheres; e, por fim, há o grupo dos homens negros, em que as mulheres negras recebem o equivalente a 79,10% dos seus rendimentos. Esse último grupo é, portanto, o menos desigual, o que não deixa de demonstrar a hierarquização de poderes sobre a mulher negra (IBGE, 2019a).

Em fevereiro de 2020, o Brasil teve o seu primeiro caso de Covid-19 e a primeira morte no país foi de uma mulher negra trabalhadora doméstica. (CAMTRA, 2021). O Ministério da Saúde declarou emergência de saúde pública, criando ações ao longo do ano para conter o avanço da doença, dentre elas, medidas sanitárias como o distanciamento social e isolamento, cancelamentos de eventos para evitar aglomerações, medidas de higiene e uso de máscara obrigatória em locais públicos.

A partir dessas medidas, reflexos na economia foram sentidos por todas as empresas, em especial para os pequenos negócios. Para tentar minimizar o impacto econômico, o Ministério da Economia apresentou algumas ações, dentre elas o projeto de lei 721/20 de liberação de auxílio emergencial no valor de R\$ 60,000 (seiscentos reais) para o microempreendedor individual (MEI). Outra ação importante foi a criação de linhas de crédito especiais através do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), destinadas a minimizar os efeitos econômicos causados pela pandemia a essas empresas (SEBRAE, 2020). Porém, mesmo assim, a vulnerabilidade das mulheres negras aumentou.

Dessa forma, pesquisar sobre a trajetória das mulheres negras empreendedoras justifica-se por ser perceptível que as dificuldades impostas às mulheres negras na sociedade refletem diretamente em seus empreendimentos. Além disso, nota-se que no contexto da pandemia da Covid-19 elas foram duramente afetadas por diversos motivos, dentre eles, a dificuldade em adaptar seus negócios para o modelo virtual, bem como, a dificuldade de acesso a empréstimos e linhas de crédito destinadas a manter pequenos negócios. Nessa perspectiva, ao final desta pesquisa busco apontar considerações que contribuam para uma reflexão a respeito de um problema que atinge de maneira geral a população negra que busca empreender, a partir da conscientização da necessidade de equidade de direitos raciais e de gênero no mundo do trabalho e dos negócios.

Por fim, trabalho procura preencher uma lacuna e incentivar o estudo do tema no meio acadêmico, principalmente na área da Administração, em que são poucos os estudos que abordam a temática de raça e gênero no empreendedorismo.

Portanto, o presente trabalho estabeleceu como problema de pesquisa: **de que modo se constroem as trajetórias de mulheres negras no empreendedorismo?**

1.1 OBJETIVOS

Para tanto, foram definidos os objetivos abaixo que ajudarão a responder o problema de pesquisa.

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender as trajetórias das mulheres negras no empreendedorismo.

1.1.2 Objetivos específicos

a) relatar as motivações de empreendedoras negras relacionadas ao ato de empreender;

b) verificar se as questões de raça e de gênero influenciam em procedimentos relacionados ao empreendimento;

c) conhecer os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras de Porto Alegre (RS) durante a crise;

d) analisar como mulheres negras de Porto Alegre (RS) mantiveram seus empreendimentos durante a pandemia de Covid-19.

1.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Além dessa seção introdutória, este trabalho está dividido em 4 capítulos, conforme demonstrado no sumário. Nas seções do capítulo 2 são apresentados o referencial teórico sobre conceitos de empreendedorismo e motivações para empreender, características e os aspectos do empreendedorismo negro, o empreendedorismo com recorte gênero e raça, questões relacionados às mulheres negras empreendedoras, pandemia de Covid-19 e os impactos nos negócios.

No capítulo 3 o foco é dado para os caminhos percorridos para realização da pesquisa. Já no capítulo 4, foram realizadas a análise e as discussões para responder ao problema de pesquisa e às questões levantadas nos objetivos gerais e específicos, levando em consideração as seguintes categorias: o empreender para

uma mulher negra; o racismo que perpassa todos os âmbitos da vida de uma mulher negra; empreendedorismo colaborativo e a sensibilidade no empreender; e desafios e possibilidades na pandemia. E, por fim, no capítulo 5 estão apresentadas as considerações finais deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico que embasa este trabalho sob os aspectos do empreendedorismo, empreendedorismo negro e suas características, raça e gênero no empreendedorismo trazendo suas especificidades como os desafios das mulheres negras, bem como as consequências relacionadas à economia e aos empreendimentos no Brasil gerados pela pandemia de Covid-19.

2.1 EMPREENDEDORISMOS E SUAS INTERFACES

O empreendedorismo é um fenômeno que vem crescendo ao longo dos anos. Em 2019, o país ficou em segundo lugar na lista dos países com maior taxa de pessoas envolvidas em atividade empreendedoras, sendo 38,7% da população (GRECO, 2019). Esse monitoramento tem sido feito por meio de pesquisas há 22 anos pelo Programa de Pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), sendo feita uma avaliação anual em diversos países para analisar as atividades empreendedoras daquela região. Além disso, segundo Dornelas (2021), o programa visa a estudar a criação de novos negócios, a capacidade empreendedora das pessoas, os impactos do empreendedorismo no desenvolvimento da economia, a competência dos governos para estimular novos empreendimentos e os fatores que levam o indivíduo a empreender.

O Brasil entrou em 2000 para o programa GEM através do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) que avalia os fatores que estão relacionados ao empreendedorismo no país. Na época, isso estava mais relacionado com a necessidade de ter uma renda ou, até mesmo, complementar a renda para se recuperar das crises econômicas que ocorriam no país (IBQP, 2022). Para promover ações em conjunto com órgãos públicos, o IBQP tem como parceiro dessa pesquisa o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que tem como uma das finalidades impulsionar o empreendedorismo no Brasil desde 1972.

Em relação ao exposto, Dornelas (2021) aponta que o surgimento do empreendedorismo no mundo está bastante relacionado com a decorrência das transformações tecnológicas ao longo dos tempos. Além disso, o autor ainda fala que o empreendedorismo está relacionado com a utilização de conhecimentos

práticos para criação de bens e serviços com o objetivo de sempre melhorar o modo de vida das pessoas e agregar valor na sociedade (DORNELAS, 2021).

Buscando um conceito para o empreendedorismo, percebe-se que existe uma pluralidade de definições, sem uma unanimidade nas concepções em torno desse fenômeno. Para Salim (2009, p. 68), “o empreendedorismo é forte agente de criação sistemática de vagas de trabalho, através da geração de novas empresas e ampliação das existentes, ressaltando-se que esse é o espaço do empreendedor”. Sendo assim, a ação empreendedora tem importância para o desenvolvimento da economia no país.

O empreendedorismo também é definido como a habilidade para criar soluções para problemas, por meio da capacidade criativa diante de incentivos para contribuir à introdução de mudanças; é se antecipar a situações expostas no ambiente no qual esteja inserido, podendo ser como empreendedor dentro de uma empresa já estabelecida ou no seu próprio empreendimento, buscando trazer resoluções para questões que precisam ser resolvidas (BAGGIO, A; BAGGIO, 2015). Esse processo se torna dinâmico pela aprendizagem constante que exige o ato de empreender, pois o empreendedorismo está além da criação de novos negócios. Além disso, o empreendedorismo é definido:

[...] como o estudo das fontes das oportunidades para criar algo novo (novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de organizar as técnicas existentes) e o processo de descoberta, exploração e avaliação, por parte dos indivíduos que as descobrem, avaliando e explorando essas coisas novas, usando diversos meios para se atingir um fim (SHANE; VENKATARAMAN, 2000 apud VERGA; SILVA, 2014, p. 12).

Esta definição coloca o empreendedorismo como um processo de inovação que vai além de um lançamento de produto ou serviço, pois admite que empreender pode ser o ato de criar um mercado para um produto já existente, assim como reinventar melhores maneiras de executar um processo já em andamento dentro de um empreendimento ou empresa.

Ainda, para um complemento das definições que envolvem esse fenômeno, "O empreendedorismo é uma ação empreendedora por meio da criação de novos produtos/processos e/ou da entrada em novos mercados, que pode ocorrer por meio de uma organização recém-criada ou dentro de uma organização estabelecida" (HISRICH; PETERS; SHEPERD, 2014, p. 6). Desta forma, a atitude empreendedora

envolve uma situação que é vista como uma oportunidade de abertura do próprio empreendimento, de novas maneiras de executar uma atividade e na oferta de algum bem que seja inovador para o âmbito dos negócios.

Segundo Tajra (2019), o ato de empreender está relacionado com a experiência pessoal do indivíduo através do conhecimento adquirido ao longo da vida. A vivência individual torna possível ter uma visão ampla diante do cenário no qual a pessoa está inserida, buscando oportunidades frente aos problemas que surgem com soluções criativas e inovadoras. Já para Dornelas (2019, p. 2), o ato de "empreender pode ser definido como o ato de realizar sonhos, transformar ideias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade". Sendo assim, é uma forma de buscar gerar transformações positivas e melhoria para a própria vida e para as demais pessoas que serão impactadas com a ação empreendedora, seja de forma financeira pela geração de empregos ou pela realização pessoal do empreendedor.

Para Dornelas (2019) existem fatores motivacionais que estão envolvidos nas razões para optar pelo ato de empreender, sendo eles o empreendedorismo por necessidade e o empreendedorismo por oportunidade. O primeiro caso está relacionado com a falta de opções para a sua subsistência diante de uma crise econômica que tenha gerado desemprego ou, até mesmo, na falta de trabalho formal. Essa ação de abrir o próprio negócio tem, inicialmente, a finalidade de gerar renda para sustento próprio e, geralmente, esses empreendimentos começam sem um planejamento de negócio. O empreendedorismo por oportunidade, por sua vez, inicia-se por uma escolha do empreendedor que se prepara para o processo, e tem como objetivo buscar benefícios próprios de realização pessoal e profissional, mas que também atenda a uma demanda de mercado (DORNELAS, 2019).

A partir das motivações que regem o empreendedorismo no Brasil, é possível afirmar que há um recorte identificado como empreendedorismo negro, o qual se caracteriza por empreendimentos iniciados por pessoas negras. Conforme Borges *et al.* (2020), essa identificação destaca-se pelo fato de que, historicamente, a população negra esteve aquém dos processos de inclusão pelo trabalho. No período da pós-abolição, sem qualquer tipo de assistência do governo e sem oportunidades de emprego, as pessoas negras ficaram à mercê de suas próprias capacidades de procurar meios de sobrevivência através do seu trabalho, e seguiram o caminho do empreendedorismo (PASSOS, 2020).

Ribeiro (2015) aponta que estão ocorrendo mudanças no processo de empreender do empreendedor negro, o qual antes era muito demarcado pela necessidade de abrir um negócio exclusivamente para obtenção de renda.

De maneira geral, a população negra tem como alternativa (às vezes como única saída) o empreendedorismo como possibilidade de obtenção de renda e de vinculação com o mundo do trabalho. Contudo, os indicadores do mercado de trabalho, bem como o contexto social, econômico e político do Brasil no que tange às relações raciais, revelam que o empreendedorismo para a população negra surge e se mantém a partir das necessidades cotidianas, tendo em vista o racismo institucional (também chamado de racismo sistêmico) muito presente no mundo do trabalho. Além de pensarmos em alternativas e soluções para o enfrentamento do racismo e a promoção da igualdade racial, devemos considerar o direito ao trabalho como eixo central nas estratégias de promoção do desenvolvimento, e no caso da população negra promover oportunidades e capacidade de escolha para o seu desenvolvimento econômico e social. (RIBEIRO, 2013, p. 314).

Atualmente, existe uma pluralidade no empreendedorismo negro no Brasil. Conforme estudo realizado em 2019 pelo Plano CDE em parceria com a PretaHub, foi identificados os seguintes perfis de empreendedores: o empreendedor que iniciou seu negócio diante da dificuldade financeira devido ao desemprego; o empreendedor por vocação que sempre teve o interesse em ter seu próprio negócio, junto com a não adequação ao mercado de trabalho; e o empreendedor engajado que carrega em seus empreendimentos a sua identidade racial e que enxergou a oportunidade de desenvolver sua atividade voltada para o público afro (PRETAHUB, 2019). Esse último perfil está ligado ao movimento afroempreendedorismo, que tem como objetivos a inovação e o fomento aos negócios de pessoas negras, principalmente carregando os aspectos específicos da cultura afro.

Segundo o relatório realizado em 2019 pelo SEBRAE, especial de 10 anos, o número de empreendedores negros, entre 2013 e 2019, aumentou em 4,8 milhões de inscritos, sendo 48% do total de MEI's negros (SEBRAE, 2019a). Conforme Nogueira (2013, p. 210),

O empreendimento negro se constitui a partir da constatação de que é preciso atuar no segmento mercantil no duplo significado: um consumo segmentado, distintamente orientado, e que tenha os negros como ponto de partida; uma relação pragmática, de natureza capitalista e, ao mesmo tempo, uma ação de natureza política, dada a ausência de produtos que possam preencher essa lacuna. (NOGUEIRA, 2013, p. 210).

Sendo, assim, pelas dificuldades para inserção no mercado de trabalho e até mesmo pela falta de condições para ascensão profissional dentro de empresas, esses fatos são motivadores para buscar um ambiente de trabalho mais adequado (TEIXEIRA, 2017).

É no contexto dessas ações que o empreendedorismo negro pode ser observado como uma forma ou tentativa de superar as relações desiguais e subalternas no mercado de trabalho. Existe uma influência social das relações étnicas brasileiras nas atividades empreendedoras. (REZENDE; MAFRA; PEREIRA; 2018, p. 594).

Santos corrobora ao dizer que “muitos negros optam por criar suas próprias oportunidades devido a pouca instrução para disputar no mercado em ampla concorrência, por não se verem representados nas marcas e nos ambientes de trabalho e pela inquietação” (2017a, p. 9). Diante disso, vale ressaltar que o que era ofertado no mercado pelas empresas não costumava levar em conta as demandas de pessoas negras, que também são consumidoras, mas não se viam nos produtos e serviços disponíveis. Portanto, o afroempreendedorismo surge, também, dessa demanda de mercado, para estimular o comércio com a identidade e a valorização da cultura negra e fortalecimento contra uma estrutura racista (SANTOS, 2017b). De acordo com Oliveira Junior e Oliveira Pesseti (2020, p.13),

[...] empreendedorismo negro baseado na realidade de empreendedores que aproveitam uma oportunidade no mercado focando no nicho de mercado negro com um produto diferenciado e estratégias de marketing para alcançarem o sucesso e a reafirmação de sua identidade negra em um mercado meio que esquecido por grandes marcas. Dentre os maiores obstáculos enfrentados pelos empreendedores negros para iniciar um novo negócio está o racismo em relação a sua cor e cultura. Além disso, outras barreiras enfrentadas são a dificuldade de conseguir capital inicial para investir e a falta de experiência em negócios. Porém, por outro lado, o empreendedorismo negro é uma forma de autoafirmação da identidade negra.

Dessa forma, esses empreendedores usam do local que conquistaram no mercado de trabalho para afirmarem a sua identidade racial, com uma imagem assertiva do negro em seu negócio e na criação de empregos para a sua comunidade, indo além de ofertas de produtos e serviços (TEIXEIRA, 2017).

Segundo Reis (2019), os empreendedores negros representam um papel fundamental na busca por representatividade e são essenciais no processo de construção socioeconômico da população negra, pois começar uma atividade

própria, como no âmbito empresarial, considerando suas origens e conhecimentos é uma maneira de criar valor no seu empreendimento, além da intenção de ganhos financeiros. Essa é uma das formas pelas quais muitas pessoas negras encontram como alternativa para a geração ou complementação de renda e, ao mesmo tempo, de resistir ao perverso racismo estrutural (OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

Ainda segundo Silva (2018), o interesse de consumo das pessoas negras está se transformando para demandar bens e serviços representativos de sua identidade racial. Os empreendedores negros que possuem um pequeno negócio sofrem com o racismo, pois muitas ideias nem sempre podem ser colocadas em prática por se tornarem inviáveis devido à falta de credibilidade no momento que necessitam de recursos financeiros de instituições para investir e alavancar seu empreendimento. Desse modo, conforme PretaHub (2019), umas das alternativas encontradas é recorrer a pessoas de sua própria família para obtenção de auxílio financeiro a fim de desenvolver o negócio. Poucos usam de reserva financeira pré-existente.

Contudo, mesmo diante desses desafios, os empreendedores negros que utilizam como estratégias suas próprias vivências raciais, buscam outras formas como, “ao focarem no seu próprio público, que conhece bem sua realidade, além de alcançarem o sucesso, superando barreiras como racismo, falta de capital e pouca experiência, ajudaram na conscientização da importância da identidade negra” (OLIVEIRA, JUNIOR; OLIVERA, PESSETI, 2020, p. 14).

Temos como exemplo a Feira Preta, um empreendimento afro criado em 2002 por uma mulher negra chamada Adriana Barbosa, que diante da necessidade de ter uma renda, após várias dificuldades para se manter no mercado de trabalho, percebeu a oportunidade de criar um negócio com base em suas vivências com cultura afro, no intuito de promover a diversidade e o desenvolvimento econômico da população negra. Segundo Silva (2018) na Feira Preta, evento que percorria o Brasil todo, era possível aproximar expositores negros com os consumidores negros, que até pouco tempo não viam suas necessidades atendidas por empresas que já estavam no mercado. Aplicou uma estratégia para conectar potenciais consumidores negros aos empreendedores negros, e assim como promover a cultura negra.

Santos e Oliveira (2019, p. 9), definem essas feiras como:

[...] forma de ocupação e aproximação da população negra nos e dos espaços pela cidade, e o uso de tecnologias móveis para essa mesma população tenha acesso a elementos que reforcem e ressignifiquem a

prática do reconhecimento por meio da reconfiguração das relações de e com o trabalho.

Sendo assim, para além de buscar a ascensão social e financeira dos seus empreendedores, em uma iniciativa como a Feira Preta o empreendedorismo negro desempenha um papel social de resgatar a cultura negra para os frequentadores e para os empreendedores que participam desses espaços.

2.2 RAÇA E GÊNERO: DESAFIOS NO EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é a ocorrência de mudanças no contexto social e econômico, por meio do aproveitamento de oportunidades para criação de bens e serviços que agreguem valor para o empreendedor, assim como aprimorar os padrões de vida das pessoas na sociedade (DORNELAS, 2021). Nesse sentido, o empreendedorismo negro está relacionado aos negócios criados por pessoas negras a partir da necessidade de se incluir no mercado de trabalho, bem como atender um segmento de produtos e serviços para consumidores negros que, até então, eram pouco atendidos pelas empresas existentes (OLIVEIRA, JUNIOR; OLIVEIRA, PESSETI, 2020). Sendo assim, os empreendimentos afros, além da inclusão econômica, promovem um ambiente de ligação cultural entre empreendedores e consumidores negros.

Ademais, conforme Silva, Jose e Silva, Murilo (2019) existem os desafios que envolvem todos os empreendedores que assumem os riscos de percorrer esse caminho do empreender, tais como conhecer o mercado no qual seu negócio está inserido no que diz respeito se o seu produto ou serviço está sendo aceito pelos consumidores, assim como saber o que já está sendo ofertado no mercado pela concorrência. É muito relevante a capacidade de ter uma visão ampla do mercado, além da criatividade de ofertar algo inovador.

Contudo, segundo Cavazotte, Oliveira e Miranda (2010), além dessas adversidades no empreendedorismo, as mulheres enfrentam outras barreiras no mercado de trabalho, sendo umas delas a discriminação de gênero que resulta em diferenças salariais no mesmo cargo, dificuldades para receber promoções e para ocupar cargos de liderança. Esse cenário estimula a saída das mulheres negras dessas organizações, sendo esse um dos fatores que as levam a empreender.

Amorim e Batista (2012) destacam que as razões também estão na busca alternativa de trabalho quando não conseguem trabalho formal, complemento de renda, bem como autonomia em suas carreiras para poder conciliar vida pessoal e trabalho, e, por fim, a realização profissional de ter seu próprio negócio. Nesse sentido, Dihl, Waismann e Bem (2021, p. 14-15), no estudo sobre mulheres e seus negócios, mostram que:

A inserção das mulheres no mercado do trabalho através da abertura do seu próprio negócio possibilita melhoras na qualidade de vida, fortalecendo o processo de cidadania, assim como o reconhecimento no que diz respeito à esfera do direito, pois, diferente dos homens, as mulheres abrem seus negócios por acreditar em seus sonhos e pela flexibilidade de horários que o negócio próprio permite.

Contudo, há diferenças nas vivências das mulheres no empreendedorismo em relação aos homens, de acordo com o relatório especial feminino no Brasil do SEBRAE. Ainda que as mulheres empreendedoras tenham maior escolaridade que os homens, seus rendimentos são menores em 22%. Quanto aos recursos financeiros, as mulheres buscam menos empréstimo e quando recorrem aos bancos acabam pagando maiores juros (SEBRAE, 2019b). Essas diferenças se tornam mais evidentes quando é feito um delineamento por raça e gênero.

É possível observar, a partir do *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, que as trajetórias dessas mulheres em relação ao mercado de trabalho e educação costumam ser desfavoráveis quando comparadas aos grupos de homens e mulheres brancos e de homens negros (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013).

Mesmo os avanços educacionais não foram suficientes para eliminar os padrões de desigualdades categoriais que se reproduzem principalmente no que tange a espaços de poder e posições de alto status. O grupo mais desfavorecido nestes processos é o das mulheres negras, as quais, de modo geral, não conseguem converter suas aquisições educacionais em melhores rendimentos e posicionamentos no mercado de trabalho, e estão sobre representadas nas ocupações de menor prestígio (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013, p. 77).

Considerando as situações de trabalho precário, cargos subalternos, salários baixos, falta de ascensão profissional e desemprego, muitas mulheres negras se direcionam para o empreendedorismo na busca por renda e melhores condições de vida e trabalho. Essa motivação é a principal característica dos empreendedores por

necessidade, que são os que afirmam ter começado o negócio principalmente pela ausência de alternativas para sua ocupação ou geração de renda. Esse tipo de empreendimento, por sua natureza, é criado como forma de gerar renda e condições de subsistência (IBQP, 2018).

Segundo relatório do SEBRAE, as mulheres negras representam 17% das empreendedoras no país. O empreendedorismo por necessidade é maior entre as mulheres negras (49%) do que entre as mulheres brancas (35%), enquanto que no âmbito do empreendedorismo por oportunidade o quadro se inverte, pois há menos mulheres negras (51%) e mais mulheres brancas (65%) (SEBRAE, 2019b). Esses fatores mostram que há uma desigualdade racial entre o gênero feminino dentro do empreendedorismo no Brasil, quando as vivências de mulheres negras as colocam em desvantagem já no ponto de partida quanto à decisão de empreender. Em outras palavras, os dados acima mostram que as mulheres negras, em sua maioria, iniciam seus negócios devido à falta de fontes alternativas de renda, o que coloca em risco a sobrevivência dos seus empreendimentos pela falta de um planejamento estratégico.

Existem, contudo, outros tipos de escassez, como limitações na oferta de produtos e de serviços afro. Apesar de que o público negro corresponde a 56,2% da população no Brasil, segundo dados do IBGE (2019b). Há as mulheres negras que empreendem pela oportunidade de atender a essas demandas, que também correspondem às suas experiências diante de um mercado que não as percebe como potenciais consumidores.

Segundo Zarpellon (2010) o empreendedorismo também é um fenômeno social que pode levar um indivíduo ou uma comunidade a desenvolver capacidade de solucionar problemas e de buscar a construção do próprio futuro. Da mesma forma, um dos propósitos dos empreendimentos afros é o resgate de suas ancestralidades de forma empírica com a autoafirmação de suas identidades negras em seus negócios, como uma representatividade para sua comunidade que ultimamente vem buscando consumir dos seus iguais. Dessa maneira, esse processo de empreender está relacionado com o empreendedorismo étnico, fenômeno interativo que “tem como base o grupo étnico, que tem origem e compartilha uma cultura comum, como um segmento da sociedade” (GOMES; BOURLEGAT, 2020, p. 326).

Segundo Cruz (2016), as mulheres negras foram as precursoras do empreendedorismo no Brasil no período pós-abolição da escravidão. Após essa

abolição, as pessoas negras não receberam assistência do Estado para a sua subsistência e inserção na sociedade. Nesse cenário, sem garantia de condições dignas de vida, muitas dessas mulheres enxergaram a oportunidade de comercializar produtos alimentícios como frutas e hortaliças no centro das cidades - as chamadas quitandeiras.

Diante de um cenário realmente crítico e adverso, elas souberam observar as condições as quais se encontravam, identificaram oportunidades no mercado local e utilizaram os recursos disponíveis da terra que poderiam lhes gerar ganho. E por mais que as condições eram desumanas, elas enfrentaram bravamente a situação resistindo a perseguições e barreiras de toda sorte e lograram êxito protagonizando esse cenário por um período. (MACHADO, 2017, p. 10).

Ainda assim, atualmente as mulheres negras enfrentam condições desiguais de vida na sociedade. Segundo dados do IBGE (2019a), quando comparados gênero e raça, as mulheres negras possuem os menores indicadores no item de rendimentos médios de trabalho. Isso ocorre mesmo que no índice educacional as mulheres negras tenham maiores taxas de conclusão do ensino médio do que homens negros.

Portanto, o empreendedorismo é um dos meios que as mulheres negras encontram para driblar o desemprego, a falta de melhores condições de trabalho quanto aos ganhos financeiros e a falta de oportunidade para ascensão profissional. Apesar de todas as adversidades, as empreendedoras negras buscam solucionar problemas que elas vivenciam dentro da comunidade negra, como a falta de negócios voltados para o público negro.

A falta de representatividade afro no mercado é uma oportunidade para as mulheres criarem seus empreendimentos de forma empírica, com conhecimentos adquiridos no âmbito familiar. Temos como exemplo, os salões de beleza afros.

Os salões estudados foram criados, em sua maioria, para suprir uma necessidade pessoal ou familiar de identidade e de categorias. Representam a busca por uma posição no mercado que, historicamente, tem sido negada aos negros. Além da inserção no mercado de trabalho, o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e cobertura para a realização dessas atividades empreendimentos surgiram no âmbito da família (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018, p. 597).

Nesse mesmo estudo, verificou-se que os empreendimentos afros enfrentam adversidades relacionadas ao preconceito racial porque tem baixa credibilidade com fornecedores e não são reconhecidos como negócios rentáveis pelo fato de que há

um empreendedor negro no comando do negócio (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018). Dessa forma, é possível dizer que para as mulheres negras empreendedoras existem algumas especificidades, pois além dos desafios inerentes às questões raciais em torno do empreendedorismo negro, essas mulheres também precisam lidar com empecilhos que norteiam o empreendedorismo feminino, ou seja, o preconceito de gênero contra mulheres que buscam o seu espaço no âmbito empresarial por meio da criação do próprio negócio (SEBRAE, 2021).

A posição de mulheres negras empreendedoras é acompanhada, ainda, dos riscos envolvidos para todos os que decidem empreender, já que “o Brasil por si só é um país que apresenta inúmeras dificuldades para os empreendedores como um todo, como a falta de capacitação, o excesso de burocracia, tributação exacerbada, medo do fracasso” (SIQUEIRA; NUNES; MORAIS, 2018, p. 233).

Segundo Gaspar (2021, p. 209),

Os enfrentamentos a qual a mulher negra por si é condição delicada, mas que na figura de afro empreendedora traz um conjunto de ressentimentos sócio-históricos associados a marcadores sociais como gênero, raça e classe que ligados entre si configuram uma dinâmica interseccional estruturante que se retroalimenta as condições desfavoráveis à inserção dessas mulheres no campo da produção.

Esses encontros de opressões na trajetória da mulher negra empreendedora são característicos da interseccionalidade, que, segundo Akotirene (2020, p. 63), “nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis a colisão das estruturas e fluxos modernos”. Ou seja, as mulheres negras, quando buscam o empreendedorismo como uma alternativa para o seu desenvolvimento econômico, continuarão enfrentando discriminação social, racial e o preconceito (SIQUEIRA; NUNES; MORAIS, 2018).

Portanto, com base nos estudos citados, é possível observar que a escolha pelo empreendedorismo tem como um de seus objetivos a busca pela realização pessoal e profissional, calcada pelas experiências de vida, bem como que muitas mulheres negras empreendedoras escolhem o caminho do empreender como uma forma de lidar com a falta de oportunidades no âmbito do trabalho formal. Nesse contexto, o papel das afroempreendedoras é muito importante no âmbito empresarial e social devido à capacidade de lidar, ao longo de um tempo, com as adversidades que tornam o mercado tão desfavorável para sua atuação como empreendedoras.

2.3 COVID-19 E SEUS IMPACTOS NO EMPREENDEDORISMO

No final do ano de 2019 foi descoberto na China o coronavírus, que causa uma doença respiratória infecciosa de alta transmissibilidade que se alastrou pelo mundo de forma rápida causando um surto viral da doença, desencadeando a pandemia da Covid-19 (CRODA; GARCIA, 2020). Em fevereiro de 2020 houve o primeiro caso confirmado da doença no Brasil. Logo após, o Ministério da Saúde passou a monitorar os casos de transmissão do vírus por regiões no país, para criar planos para contenção do avanço da doença.

Algumas das medidas adotadas pelo governo para enfrentamento da Covid-19 foram: uso obrigatório de máscaras em locais de circulação de pessoas; disponibilização de álcool em gel em espaços públicos e estabelecimentos privados; isolamento social em casos suspeitos; recomendações de distanciamento em locais públicos; e medidas restritivas de circulação para evitar aglomerações (PLANALTO, 2020).

Essas ações geraram diversas mudanças no cotidiano das pessoas, afetando seus estilos de vida, modo de trabalho e outros aspectos. Além disso, muitas pessoas ficaram desempregadas. Conforme monitoramento do IBGE, a taxa de desocupação atingiu 14,3%, entre maio a agosto de 2020 (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2020).

De acordo com Nassif, Corrêa e Rossetto (2020, p.1-2), os impactos da pandemia exigem que:

[...] diferentes tipos de adaptabilidade em todas as áreas, como nos negócios, na educação, no desenvolvimento das pesquisas científicas, no modo como os consumidores se comportam, decidem e são forçados a se adaptar frente ao contexto atual. Ao sofrerem modificações nos padrões de consumo, faz-se necessário que as empresas e empreendedores pensem na modificação e adaptação de estratégias, de modo a buscar meios de atender às novas exigências do mercado. De certo modo, inovar é preciso, principalmente em ambientes de restrições de recursos, o que vêm se tornando uma realidade cada vez mais presente e necessária, muitas vezes, para manter o nível mínimo de operação com vistas à manutenção do negócio.

Nesse sentido, Castro *et al.* (2021) também complementa que a pandemia foi um acontecimento atípico que era necessário que todas as empresas, independentemente do porte, pensassem em resoluções rápidas e em planos para

seguir no mercado para evitar perdas financeiras e encerramento das atividades. “Os elevados custos para adaptação, a incerteza do retorno financeiro e aceitação do produto/serviço no mercado são aspectos que desencorajam empreendedores” (CASTRO *et al.*, 2021, p. 59).

Porém, outras pessoas, por ter visão empreendedora, viram no cenário da pandemia a oportunidade para criar o próprio negócio ou inovar com novos produtos e novas maneiras de ofertar serviços. De acordo com o Ministério da Economia (2021), o número de empresas abertas aumentou em 6% quando comparado ao ano anterior, que fechava com taxas negativas de crescimento. Ademais, 79,3% dessas aberturas eram compostas pelo Empresário Individual (incluindo Microempreendedor Individual - MEI), isso devido às medidas por parte do governo para desburocratizar o processo de abertura de empresas (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

Contudo, a fim de manter os negócios que estavam em atividade enquanto durassem as medidas sanitárias, o governo federal liberou, em maio de 2020, cerca de cinco bilhões de reais para que instituições financeiras pudessem viabilizar o acesso de empreendedores a crédito com juros baixos (SILVA, M; SILVA, R, 2020). Conforme o SEBRAE (2020), para ter acesso ao crédito, a abertura da empresa deveria ter sido feita até o final do ano de 2019, o faturamento anual deveria atender determinados requisitos. Estando de acordo com os critérios estabelecidos pelo programa, as empresas poderiam procurar as instituições financeiras parceiras para solicitação de empréstimo.

De acordo com o levantamento feito pelo Ministério da Economia (2021), publicado no portal oficial do governo federal, até o final de 2020 mais de 500 mil empresas foram beneficiadas com programa Pronampe, que contou com três fases ao longo do ano, tendo os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul na liderança de aquisição de crédito para empresas.

No entanto, Na pesquisa intitulada “*O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios*”, elaborada pelo SEBRAE juntamente com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com recorte de gênero e raça, os dados mostram que 36% das empreendedoras negras estão com a atividade interrompida temporariamente. Essa proporção cai para 29% entre as mulheres brancas, para 24% entre os homens brancos e para os homens negros essa proporção é de 30% (ASN, 2020).

A pesquisa também avaliou a dificuldade enfrentada por 27% das mulheres negras para manterem suas empresas em atividade, a qual está relacionada ao fato

de que o formato de seus negócios só as permite operar de forma presencial, dificultando a continuidade de seus empreendimentos em virtude das restrições sanitárias impostas pelos estados e municípios (ASN, 2020). A pesquisa ainda mostra que para mulheres brancas essa proporção cai para 21%, para homens brancos 20% e para homens negros o percentual é de 25%.

Além dos desafios sociais enfrentados para manter seus empreendimentos, as mulheres negras ainda contam com um maior percentual de CPFs negativados. Segundo a referida pesquisa, as mulheres negras representam 25% dos respondentes, e em seguida estão os 24% de homens negros, 17% de mulheres brancas e 15% de homens brancos (ASN, 2020). Tal situação dificulta o acesso das mulheres negras a linhas de crédito, o que pode ter influência no percentual de 58% do insucesso das mulheres negras na obtenção de empréstimos, ficando abaixo somente dos 64% dos homens negros (ASN, 2020).

Segundo Silva *et al.* (2021), com a pandemia, as empresas tiveram que adaptar seus negócios para uma linha de vendas cada vez mais digital, devido à demanda de consumidores que migraram para compras online. Isso exige recursos financeiros e muitos empreendedores precisaram lançar mão de empréstimos para realizar investimentos em tecnologia. Com a dificuldade de acesso ao crédito, as empreendedoras negras não tiveram as mesmas oportunidades de modernizar os seus negócios, o que resultou, em alguns casos, na paralisação de suas atividades (ASN, 2020).

Portanto, a crise gerada pela pandemia de Covid-19 impactou todos os portes de empresas a microempreendedores. Além disso, o adequado para imprevistos que possam surgir no negócio é ter reservas financeiras para manter o andamento da empresa, bem como buscar inovação nos seus negócios para atender um novo formato de consumo.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS

O presente estudo consiste em pesquisa básica de caráter exploratório. Com base em Gil (2002) a pesquisa exploratória consiste em proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Podendo “envolver levantamento bibliográfico ou entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado” (GIL, 2002, p. 41). Optou-se pela realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa que, de acordo com Gil (2019, p. 57), caracteriza-se “pela utilização de dados qualitativos, com o propósito de estudar a experiência vivida das pessoas e ambientes sociais complexos, segundo a perspectiva dos próprios atores sociais”.

Para tanto, foram utilizados dados biográficos, que são aspectos da metodologia de pesquisa em história de vida; porém, não foram recolhidas histórias de vida propriamente ditas, e, sim, trajetórias que são percursos mais curtos e pontuais por meio de entrevistas temáticas (NEVES, 2003).

Permitindo conhecer saberes de mulheres negras empreendedoras por meio das suas experiências e subjetividades, já que, conforme Lopes (2013), esta metodologia se baseia na escuta de histórias narradas a partir de entrevistas para uma melhor compreensão do fenômeno, considerado que esses indivíduos participam dos mesmos grupos sociais.

Segundo Barros e Lopes (2014, p. 48):

Trata-se principalmente de registro de memórias individuais e coletivas, de experiências e de trajetórias, trabalhadas conjuntamente com o objetivo de “dar voz”, transformar e emancipar coletividades, dar visibilidade à história, cultura e experiência de um grupo/organização/movimento. São diversas as denominações que recebem tais práticas, o que demonstra a existência de distintas opções teórico-metodológicas tendo como elemento comum à narrativa de uma (ou várias vidas).

Portanto, o trabalho relata as trajetórias de mulheres negras empreendedoras de Porto Alegre (RS), buscando compreender de que modo constroem seus percursos no empreendedorismo. Por meio das vivências das entrevistadas será possível também compartilhar aprendizagens e inspirações para outros grupos de empreendedores negros que passam pelas mesmas experiências que envolvem em comuns questões raciais, sociais e de gênero.

Conforme Barros e Lopes (2014, p. 49):

Outro aspecto importante a ser ressaltado no método de história de vida é sua condição de ponte entre a história individual e história coletiva, ou seja, trabalhando com história de vida, podemos religar o nível individual ao nível geral de análise, já que essas histórias nos enviam sempre ao campo social.

Os caminhos percorridos nesta pesquisa incluíram o levantamento de dados relacionados à pesquisa bibliográfica. Nesta, foram coletadas informações a partir das plataformas Scielo, Google Acadêmico, Portal da Capes, Sabi+, Lume UFRGS, Portal Geledés e livros de autores como Silvio Almeida, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro dentre outros autores significativos para o tema do trabalho (tais informações estão explicitadas ao longo de todo o trabalho).

3.1 RECOLHIMENTO DAS INFORMAÇÕES

Para a realização do campo empírico da pesquisa foram realizadas entrevistas em profundidade e semi-estruturadas (APÊNDICE A), com tópicos relacionados ao tema da pesquisa. Os tópicos não eram rígidos, eram possíveis direcionamentos, deixando o diálogo aberto e flexível para novas questões que pudessem surgir durante as entrevistas. Considerando o papel da pesquisadora de escuta e atenção em falas e expressões das entrevistadas, as entrevistas tiveram duração de 1h30min a 2h30min.

As entrevistas foram realizadas a partir da abordagem biográfica que orientou para o conhecimento das trajetórias de vida das participantes da pesquisa. Foi trabalhado a partir da história oral das trajetórias das participantes, com recorte para experiência da entrada no empreendedorismo e caminho até o momento pandêmico. Nesse caso, aproxima-se do que Neves (2003) classifica como entrevistas temáticas que se “referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados” (NEVES, 2003, p. 33).

As oito entrevistas foram aplicadas entre fevereiro e março de 2022, todas individuais. Cada participante pôde definir o formato do encontro, presencial ou online. Sendo assim, sete entrevistas ocorreram via plataforma zoom e uma optou por encontro presencial, que foi realizado obedecendo ao disposto na Lei n.º 14.019/2020, sobre medidas sanitárias para conter a pandemia de Covid-19.

As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e análise. As

entrevistas online foram gravadas por meio da plataforma Zoom, e a entrevista presencial contou com a utilização de gravador de voz digital. É importante frisar que se obteve o consentimento e a autorização das entrevistadas para gravação.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A entrevista foi realizada com oito mulheres negras empreendedoras da cidade de Porto Alegre (RS). Os critérios de seleção para a participação foram: mulheres negras com empreendimentos consolidados e que tenham realizado a abertura do negócio antes início da pandemia de Covid-19. As empreendedoras poderiam ter qualquer tipo de negócio, desde que fossem da região de Porto Alegre (RS). A fim de manter o anonimato das entrevistadas, foi sugerido que elas escolhessem seus nomes fictícios e algumas deixaram de livre escolha da pesquisadora. Assim foram escolhidos nomes de origem africana consultados no Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. O quadro 1 apresenta de forma breve o perfil das entrevistadas e dos seus negócios:

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas e de seus negócios

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	RAMO DO NEGÓCIO E ATUAÇÃO	PORTE DA EMPRESA
Limber	24 anos	Superior (cursando)	Comércio - Venda de roupas femininas	Microempreendedor Individual – MEI
Sabali	31 anos	Mestrado (cursando)	Serviços - Beleza e Educação (Assessoria acadêmica)	Microempreendedor Individual – MEI
Mene	33 anos	Superior (cursando)	Serviços - Beleza Afro	Microempreendedor Individual – MEI
Aisha	38 anos	Superior (completo)	Alimentício - alimentação saudável	Microempreendedor Individual – MEI
Dandara	38 anos	MBA (Cursando)	Comércio - Moda Afro	Microempreendedor Individual – MEI
Aduke	40 anos	Superior (incompleto)	Serviços - Beleza Afro	Microempreendedor Individual – MEI
Kalifa	41 anos	Técnico (completo)	Serviços - Eventos	Microempreendedor Individual – MEI
Niara	42 anos	Fundamental (completo)	Alimentício- Comida caseira	Microempreendedor Individual – MEI

Fonte: dados da pesquisa.

3.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A partir das entrevistas realizadas, para a compreensão das falas foi necessário fazer organização e tratamento dos dados coletados, utilizando-se da análise de conteúdo, que é "um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados" (BARDIN, 2011, p. 15). Por isso, considera-se o uso dessa técnica com objetivo de interpretação de fenômenos e atribuição de significados nas narrativas dos fatos que permeiam as experiências das entrevistadas.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo passa por três etapas: a pré-análise que é organização e preparo dos documentos que contêm os dados da pesquisa; a exploração do material que envolve a codificação para buscar informações no texto que façam sentido e se relacionem com os objetivos da pesquisa e com a categorização que envolve o processo de separar termos-chaves que se relacionem com o tema da pesquisa; e o tratamento dos resultados que é a dedução do que as entrevistadas quiseram comunicar por detrás de cada mensagem, e a interpretação dos resultados levando em consideração os objetivos do estudo.

Foram realizadas as transcrições das entrevistas, a partir dos vídeos e áudios gravados. Após essa etapa foram organizados os documentos das transcrições e a devolutiva para as participantes, que leram e ficaram de acordo com seus depoimentos. Nessa etapa foram realizados agrupamentos temáticos de falas das entrevistas tendo em vista o referencial teórico sobre o tema da pesquisa. Foram criadas as seguintes categorias:

- a) o empreender para uma mulher negra;
- b) o racismo que perpassa todos os âmbitos da vida de uma mulher negra;
- c) empreendedorismo colaborativo e sensibilidade no empreender; e
- d) desafios e possibilidades na pandemia.

Por fim, foram inseridos trechos marcantes das falas das entrevistadas no título de cada categoria, como uma forma de introdução ao que será abordado. Essa ideia partiu do livro *Memórias da plantação - episódios de racismo*, da autora

Kilomba (2020), onde os capítulos são demarcados com as falas reais de vivências relacionados ao racismo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são analisados os relatos das empreendedoras participantes da pesquisa. Os resultados aqui discutidos e analisados são direcionados para os objetivos deste estudo. Dessa forma, o estudo se propõe a trabalhar com as seguintes categorias:

- a) O empreender para uma mulher negra;
- b) O racismo que perpassa todos os âmbitos da vida de uma mulher negra;
- c) Empreendedorismo colaborativo e sensibilidade no empreender; e
- d) Desafios e possibilidades na pandemia.

As categorias são discutidas com relação ao referencial teórico que envolve a temática de estudo. Primeiramente, apresenta-se de forma sucinta as empreendedoras participantes da pesquisa para uma melhor percepção das suas realidades.

4.1 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Aisha, "a que está viva", mãe de dois filhos, casada, cursou nutrição através de uma bolsa de coletivo afro. A escolha do curso está relacionada com o amor da família pela cozinha e sua aptidão em cozinhar. Quando se formou tinha um filho de um ano e meio de idade resolvendo se dedicar à maternidade, mas também sentia certa insegurança para atuar na área, por ser uma mulher negra não se identificava com perfil de nutricionista da época da graduação. Dedicou-se às tarefas do lar e há 12 anos decidiu empreender no ramo de produtos integrais caseiros. Nesse meio tempo, junto com outros empreendedores negros que faziam parte de coletivo afro poético, decidiu montar seu negócio em um espaço físico com aspecto de coletividade, mas devido à crise pandêmica fechou as portas. Mesmo desanimada seguiu com seu negócio da maneira que foi possível. Nesse momento, Aisha sente que amadureceu com todas as experiências que teve até agora, sabendo que dos erros surgem aprendizados que irão fortalecer seu negócio. Alguns dias antes da entrevista estavam retornando com as participações em feiras afros e o reconhecimento de clientes que acompanham seu trabalho há algum tempo lhe deu ânimo por saber que estava fazendo a coisa certa.

Dandara, “princesa guerreira”, mãe, vive com sua filha de 13 anos, foi a primeira da família a fazer faculdade e única aluna negra no curso de Administração na época. A entrevistada estudava e trabalhava no shopping à noite, e no final da graduação estava grávida. Alguns dias após sair do hospital, ela apresentou seu TCC. Foi voluntária em uma associação de empreendedorismo, atuou por 14 anos em uma multinacional da área de moda onde fez sua carreira interna. Quando chegou ao cargo máximo dentro da empresa, passou por uma situação a qual uma colega pediu demissão por não conseguir lidar com uma pessoa negra sendo sua gestora. Em paralelo ao trabalho nessa multinacional por dois anos, teve uma empresa de inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, mas após um tempo encerrou as atividades por ter ficado insustentável o negócio. Atualmente, trabalha na área comercial de uma associação de afroempreendedorismo e concilia seu novo negócio, que foi criado a partir de um jaleco afro dado de presente para uma amiga negra médica.

Sabali, “paciência”, vive com seu companheiro e uma gata, começou a trabalhar muito cedo, quando estava no ensino médio. Trabalhou por muitos anos no ramo do comércio e em 2014 decidiu somente estudar entrando no curso de Ciências Sociais, impactando demais a sua estabilidade financeira e profissional. Como a sua bolsa de pesquisa na época, não custeava sua vida, ela começou a vender cafezinhos para os colegas da faculdade para complementar sua renda. Quando seu cabelo, o qual ela mesma cuidava e fazia os próprios cortes, começou a chamar atenção das pessoas e essas começaram a querer pagar para que ela cortasse seus cabelos, enxergou a oportunidade de dar início ao seu negócio. Mais tarde, em 2020, passou também a atuar com seu companheiro na assessoria acadêmica voltada para uma escuta afetiva. Contou que sua mãe era uma costureira maravilhosa e reconhecida no bairro, que sua trajetória lembra muito a sua de ter a iniciativa de se jogar no que sabe fazer para bancar um sonho. Atualmente pensa em cursar uma formação de terapia ocupacional.

Mene, “a que nunca está só”, mãe, vive com sua filha, seus pais e dois irmãos no mesmo lar. Antes de ser trancista de cabelo era concursada, mas o trabalho era muito pesado, passava caminhando na rua o dia todo debaixo de chuva e sol. Em 2015, quando ingressou na UFRGS, ficou difícil conciliar a rotina do trabalho com os estudos. Decidiu abrir mão do emprego público para estudar, mesmo sendo penoso devido aos benefícios garantidos desse trabalho. Após, foi à procura de estágio, mas

sem sucesso, voltando novamente a procurar emprego efetivo. Conseguiu, mas não era o ideal devido à localização ser distante da universidade, fazendo com que fosse preciso deixar esse trabalho. Seu pai sempre lhe ajudou nesses momentos de crise, deixando mais confortáveis essas difíceis decisões. Por gostar de cabelos, fez um curso de tranças e trabalhou em dois locais como *freelancer*. Um deles com objetivo de ter mais visibilidade para o seu trabalho, mas saiu quando percebeu que estava em modo operante de exploração. Atualmente segue com seu negócio de trancista e com *freelancer* em outro salão, mas tem outros planos como estudar para concursos públicos e ter seu próprio salão afro.

Niara, “aquela que tem grandes propósitos”, mãe, vive com sua filha de 18 anos e uma irmã com deficiência que ela ficou responsável, a qual tem seu emprego e consegue ajudar em algumas despesas da casa. A entrevistada conta que sua mãe largou a enfermagem para se dedicar por muitos anos a sua lancheria e aprendeu com ela muitas receitas de comida e lanches que sabe fazer hoje. O primeiro trabalho da Niara foi aos 25 anos em um restaurante famoso de Porto Alegre, onde passou de auxiliar a *chef* de cozinha no tempo de cinco anos que trabalhou nesse local. Ela tem paixão pela cozinha e ama criar pratos. Ganhou muito dinheiro fazendo o que gosta, mas também com muito trabalho e esforço. Quando sua cozinha fechou temporariamente devido ao momento pandêmico, voltou para o trabalho formal e para complemento de sua renda vendia salgados nesse emprego.

Aduke, “muito amada”, mãe de 5 filhos, sendo estes um enteado e outro filho de um amigo do seu marido, com quem vive há 5 anos. Por muito tempo trabalhou em uma escola, onde entrou como auxiliar de serviços gerais e passou para encarregada. Na mesma escola que tinha uma rede filantrópica, teve a oportunidade de terminar o ensino médio. A entrevistada enfatiza que só conseguiu terminar os estudos porque contou com a ajuda da “tia da creche” que cuidava de seus filhos, pois não podia contar na época com o apoio de seu ex-marido. Conta que precisou de acolhimento social para seus filhos no Centro Vida e nesse mesmo local teve a experiência maravilhosa de poder ministrar um curso de trancista para adolescentes. Ela atuou, também, como encarregada na área do comércio em uma rede de supermercado, e devido a flexibilidade de horário conseguiu intercalar seu trabalho de trancista. Contudo, resolveu sair do trabalho formal por posturas de clientes que tornavam o ambiente hostil e violento, o que estava lhe adoecendo. Após um tempo,

decidiu se dedicar somente ao trabalho de trançista. Aduke tem clientes do interior do estado há mais de 10 anos, e trançou cabelos de duas gerações mesma família.

Kalifa, “brilhante”, mãe, vive com seu marido e duas filhas, atuou felizmente como gestora da qualidade por 4 anos em um sindicato. Gostava do trabalho e da posição que ocupava, mas quando suas filhas foram estudar em turnos inversos teve que abrir mão desse emprego, após tentativas de negociações com sua chefia quanto à flexibilidade de horário. Não se via como dona de casa, queria trabalhar e ser mãe, sua inquietude a fez pensar o que poderia fazer com as ferramentas que tinha nas horas vagas. Usou da sua habilidade de escrita e comunicação para produzir conteúdo em blogs, quando em 2011, uma de suas pesquisas sobre mercado infantil se conectou com sua dor e com seu perfil de gostar de conhecer diversos lugares e pessoas. Devido à crise pandêmica, trabalhou como motorista Uber de crianças por 3 meses. Hoje se sente realizada por poder seguir com seu negócio e também por estar trabalhando como mentora de outras mulheres empreendedoras em programa de aceleração de negócios.

Limber, “alegria”, vive com seu companheiro. Aos 17 anos, para finalizar seu curso técnico em contabilidade, fez estágio no setor administrativo de uma empresa, e aos sábados tinha que ser vendedora por falta de pessoal para fazer as vendas. Teve um determinado momento que precisou conciliar dois trabalhos junto com sua loja virtual para complementar sua renda. Tem um negócio voltado para vestuário feminino, sendo que essa escolha vem de gostar bastante de provar roupas, tirar fotos e poder vestir suas clientes. Além do gosto pela parte contábil que envolve seu negócio. Após ser demitida na pandemia por ser do grupo de risco, conseguiu outro emprego no qual atualmente trabalha. Segue estudando, está cursando logística, e nesse momento consegue se dedicar mais a sua loja virtual com planos de expandir para um espaço físico.

4.2 O EMPREENDER PARA UMA MULHER NEGRA: “ESSE MOVIMENTO DAS MULHERES NEGRAS, QUE NÃO É DE AGORA, VEM DE SÉCULOS” (Aisha)

Nas narrativas das empreendedoras, quando contavam sobre a decisão de empreender, observa-se uma variedade de motivações para dar início ao negócio, mesmo a maioria trabalhando em regime efetivo (Quadro 2). Conforme Tajra (2019),

a ação empreendedora envolve motivações que surgem em torno de vivências e contexto no qual estão inseridas, são fatores que impulsionam correr risco de ter próprio negócio. Em outras palavras, vai além da busca de oportunidades que atendam a um mercado existente, mas que também possam resolver conflitos pessoais e proporcionar realizações.

Quadro 2 – Motivações que deram início ao negócio

Entrevistada	Motivações para começar a empreender
Kalifa	[...] Em 2015 eu pedi demissão do trabalho e aí me vi em casa, pedi demissão, me escabelei, saí sem nada, zerada e com contas e aí me vi em casa e aí, eu sou uma pessoa muito interativa, era uma posição que eu não queria mesmo, eu só queria trabalhar e ser mãe né [...]
Aisha	[...] foi por uma situação de querer me emancipar financeiramente , né, e também auxiliar ali nos custos das despesas de casa, e tudo mais, só meu esposo que meu trabalhava, e tudo, né. E aí eu decidi aliar a questão de estar cuidando do meu filho com o trabalho , e a aptidão por cozinhar, né, o gosto pela cozinha. Então eu comecei a fazer em casa alguns produtos integrais, pra vender [...]
Dandara	<p>[...] Foi só uma coincidência, veio o momento da pandemia, fecharam as lojas, eu estava em casa, e a minha amiga, que é minha amiga há vinte anos, ela fez medicina em Cuba. [...] Quando ela veio pra perto [...] eu pedi pra uma outra amiga minha, também mulher preta, designer, pra ela fazer o jaleco pra mim. Que era o que eu idealizei, um jaleco branco com detalhes em estampas afro. Não achei pra comprar pronto, e eu dei pra ela de presente [...] Eu fico emocionada de falar. E aí... Foi isso, eu dei pra ela. Só que aí ela postou na rede social. E ela postou: “Jaleco afrocentrado? Temos”. E as pessoas começaram a me chamar no direct do Instagram, perguntando como fazia pra fazer o jaleco [...]</p> <p>[...] Eu tenho muito prazer em construir a minha marca bem mais próximo da minha mãe e da minha filha, por exemplo. É diferente. Porque sem empreender eu trabalhei muito muito, sábado. [...] Então eu consigo almoçar com a minha filha, eu levo pra escola, esse prazer paga muito mais que o dinheiro que eu ganhava naquele momento que eu estava. Não é fácil, aí tem muito essa questão da disciplina, do planejamento. E por muito tempo eu me culpei de não ter tempo de ser a mãe ideal porque eu tinha que trabalhar [...]</p>
Mene	<p>[...] saí do [nome da empresa] e comecei a só estudar. Estudar, procurar estágio, e tal. E não fluía, não fluía, comecei a procurar efetivo junto, também não fluía, aí consegui num laboratório, só que era longe da faculdade [...] Daí saí também desse laboratório e fui tentando. Aí chegou uma hora que eu pensei “Meu, não tem como eu ficar assim, eu vou ter que ver alguma coisa que eu curta fazer, que eu possa fazer por conta própria, né, sem depender, ficar dependendo de empresa pra me contratar, e daí eu fui [...]</p> <p>[...] Mas em questão de tempo, eu fico mais tempo com ela. Eu posso organizar a minha agenda. Tem-se médico eu não preciso pedir para ninguém sair, é só eu não agendar um cliente naquele dia e tá tudo bem, sabe?</p>
Sabali	[...] não estava conseguindo conciliar determinados processos com o espaço da formação. [...] Eu tava numa bolsa de pesquisa, naquela época, enfim, a gente precisa falar sobre isso também, né, que o fato de que a bolsa era

	<p>bastante complicada pra custear minha vida, pagar aluguel, comer, viver, né? [...]. A questão da permanência me incentivou a procurar alternativas. Então eu primeiro pensei assim, o que eu posso fazer pra complementar minha renda e não abandonar os meus estudos?. [...] Só que daí depois o meu cabelo chamava muita atenção, porque eu mesma cuidava, cortava meu cabelo, tinha um certo tipo de jeito de cortar, e os meus colegas e pessoas ao redor começaram a “Pô, muito legal teu cabelo, quem é que corta?” E eu falava, “Ah, sou eu”. Só que nisso eu não tava nem acreditando, nem pensando “[nome entrevistada], tu vai cortar cabelo”. Mas enfim. Daí uma certa vez uma colega disse: “Eu quero te pagar pra tu cortar meu cabelo”. [...] Naquele momento foi que eu me dei conta de algo que eu podia fazer, mas que eu não acreditava que eu podia fazer cobrando, que eu não acreditava que eu podia fazer [...]</p>
Aduke	<p>[...] Eu saí da empresa por essas posturas dos clientes e uma dessas foi punk que eu tive... A partir daí eu desencadeiei a síndrome do pânico e ansiedade porque é uma área muito violenta. A gente sofria muito, muito roubo e ameaça. [...] ela quebrou o meu tendão ficou com aquele dedo, aquele dedo quebradinho assim sabe? E foi bem punk também. Daí eu disse “não, não preciso disso”, eu gosto de fazer trança e minhas clientes super incentivaram eu ter meu próprio negócio ou continuar atendendo domicílio, mas me dedicar só a isso e meus filhos já estão crescidos também e já conseguem me ajudar e ajudar meu esposo a manter e assegurar a casa. Assim cada um da sua forma, financeiramente ou braçal. E meu marido me dá muita força também me incentivou bastante [...]</p>
Niara	<p>[...] A gente tem que fazer tudo isso, porque a gente tem filhos, a gente tem um negócio. Tem os filhos e tem a casa. Então é muito difícil, é muito difícil pra quem é mãe de família, solteira e empreendedora [...]</p>

Fonte: dados da pesquisa.

A partir dos relatos das entrevistadas é possível observar que a questão da maternidade está correlacionada ao caminho do empreendedorismo, já que permite a flexibilidade de poder estar e acompanhar seus filhos em determinadas fases de suas vidas.

Por exemplo, no caso da Aisha e Kalifa, o empreender foi a uma forma de buscar uma nova relação de trabalho, priorizando o cuidado com a família. Mas com objetivos de autonomia financeira, para poder também contribuir com sua renda nas despesas da casa. Percebe-se que há consciência de que as tarefas referentes ao lar são em grande parte de sua responsabilidade, mas o fato de não ter um trabalho que gere renda causa incômodo por não estar realizando outras atividades. Porém, acontece quando estão em vínculos empregatícios, infelizmente na maior parte das situações são elas que no lar precisam abrir mão do emprego, por receberem menores salários em relação aos seus companheiros. Para superar estes obstáculos, o empreendedorismo foi um dos caminhos.

De acordo com Reis (2018, p. 40) “as empreendedoras se arriscam em novos projetos pela necessidade de obter renda e conforto e para não ter que escolher entre os filhos e o trabalho”. A autora ainda acrescenta que isso ocorre devido ao déficit de empresas que possuem uma estrutura de carga horária flexível para colaboradoras que são mães. Na mesma perspectiva, a pesquisa realizada pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME) aponta que um dos principais motivos apontados pelas mulheres para empreender é a questão de poder se dedicar à família e a flexibilidade de horário que ter o próprio negócio permite (IRME, 2019).

Além do motivo de conciliar a maternidade, é possível observar que o processo de empreender também vem como alternativa de conciliar os estudos, já que o emprego efetivo não lhes permitia. Nos relatos das entrevistadas, o empreendedorismo trouxe a flexibilidade do tempo para poder se dedicar aos estudos e ao mesmo tempo ter uma renda. Dentre alguns fatores que impossibilitaram a conciliação do trabalho formal e estudo, estava a sobrecarga relacionada às atividades desempenhadas, localização e carga horária.

Percebe-se que a realidade dessas empreendedoras é significativamente distante do perfil de estudantes acadêmicos padrão “branco”. De acordo com estudo realizado com estudantes, sobre a propensão de criação de empresas por parte de universitário no Brasil, 82% dos participantes eram homens. Os resultados principais mostraram que os fatores relacionados ao interesse desses estudantes em empreender está ligado a uma maior inclinação a assumirem risco, e por estar inserido em um meio de amigos e familiares que empreendem. Sendo assim, conhecer a realidade dessas pessoas de alguma forma os prepara para o empreendedorismo e também no fato de já possuírem uma idealização de negócio (GARCIA *et al.*, 2013).

Portanto, existe uma base que privilegia esses jovens, que possuem de antemão uma estrutura para abrir suas *startups*. O empreender para eles não está relacionado com os casos de Sabali e Mene referentes a conflitos entre estudar ou ter dinheiro para o sustento.

Outra questão relacionada ao emprego efetivo que desencadeia a decisão de ter seu próprio negócio é a violência física e moral no ambiente de trabalho por parte de clientes. Conforme Marcondes *et al* (2013), as mulheres negras são as que mais sofrem violências físicas e 25% dos casos partem de pessoas desconhecidas. O que está relacionado com a cultura de violência contra mulheres juntamente com a

condição da sua cor as torna mais vulneráveis em qualquer ambiente no qual estão inseridas.

O caso da Aduke é muito emblemático, nos mostra que ela foi vítima de uma violência muito profunda. Além de sequelas físicas irreparáveis em umas de suas mãos, há também danos psicológicos, pois o medo de vivenciar a qualquer momento algum tipo de atentado contra sua vida lhe causou períodos de depressão. O que gerou sua decisão de se afastar do emprego definitivamente pela vulnerabilidade e insegurança de estar trabalhando em um ambiente com todo tipo de público.

Ainda sobre o relato da empreendedora Aduke, vítima de violência, como uma forma de preservar um pouco de sua saúde mental, empreender foi uma forma de proteção a sua vida e lhe trouxe certa qualidade de vida, já que pôde trabalhar com algo que gostava em um ambiente conhecido e seguro com uma rede de apoio.

Sobre essa rede de apoio, a maior parte das falas das entrevistadas trazia a família, amigos e colegas que formavam um suporte que pudessem contar para dar início ao seu negócio, seja de forma financeira ou ajudando desde a divulgação até as vendas do que elas produziam (Quadro 3). De acordo com o mapeamento feito em 2019 pelo Plano CDE em parceria com a PretaHub, todos os perfis de empreendedores que iniciaram pelos mais diversos motivos contaram com incentivos de familiares e amigos, e a maioria (69%) dos empreendedores que precisam de recursos financeiros para dar início aos seus negócios recorreram a poupança própria ou a indenizações trabalhistas, de familiares e amigos, sendo que apenas 10% recorreram aos bancos (PRETAHUB, 2019). Ainda conforme o estudo, o acesso ao crédito bancário foi um desafio relatado.

Quadro 3 – O apoio recebido ao iniciar no empreendedorismo

Entrevistada	Apoio recebido no início do negócio
Kalifa	[...] E aí, aí eu me vi, disse, “vou montar uma empresa assim”, daí conversei com três amigas que já tinham seus negócios, falei com essa amiga do marketing, e falei “bah, eu vou montar esse [nome da empresa] e vou testar. Eu tenho os brinquedos das gurias, eu só preciso complementar com alguma coisa”, aí eu pedi emprestado R\$1.000,00 para minha amiga que tinha pedido demissão da [nome da empresa], na época, também mãe, falei “bah, tu me empresta dinheiro para montar uma empresa?”, eu pensei, com R\$1.000,00, eu joguei R\$1.000,00 no ar assim, eu precisava de mais, mas eu joguei e daí com esses mil reais eu comprei tatame, comprei algumas coisas, inspirada enfim, na empresa lá que eu tinha visto [...]

Aisha	<p>[...] Então eu comecei a fazer a partir de casa, e aí eu levava no trabalho do meu esposo, ele levava também, então a minha clientela eram colegas e indicações de colegas do meu esposo [...]</p> <p>[...] A minha sorte é que nesse período a minha mãe tinha recém se aposentado, fazia pouco tempo que ela tinha se aposentado, então ela tinha um valor e ela me ajudou a investir. Então nesse momento nós éramos sete pessoas, o valor não era muito alto. Deu pra diluir assim bastante pra cada um. A minha mãe fez esse investimento pra mim, de pagar esse valor pra gente poder fazer a locação do espaço [...]</p>
Dandara	<p>[...] eu tive uma investidora inicial, que cuidava da área jurídica da minha empresa e resolveu investir, porque ela investe em negócio de mulheres, e a minha sócia também, a minha sócia médica que ganhou o jaleco, e a investidora é a pessoa que cuidava do nosso jurídico, não é uma pessoa negra, é uma mulher branca, mas que acredita muito nas causas raciais, principalmente que acredita muito e trabalha em rede. Então eu tive sim o apoio financeiro inicial [...]</p>
Niara	<p>[...] Eu e minha família. Cada um pegava uma rua e ia. Cada um pegava uma rua e ia. Nesse ponto, eu tenho uma sorte muito grande. Ou é a família ou amigos que me apoiam, que me dão muita força [...]</p> <p>[...] Um dia eu consegui o espaço que o meu pai cedeu o espaço para mim, e ali eu abri a minha cozinha, em 2019. Dia 30 de novembro de 2019[...]</p>

Fonte: dados da pesquisa.

Acerca dos desafios que envolvem o empreender (Quadro 4) está a questão financeira, apesar de elas possuírem consciência de que é necessário ter uma gestão financeira dos seus negócios à parte das despesas pessoais. Tem a situação de que nenhuma das entrevistadas buscou recursos financeiros de bancos, o que dificulta, segundo PretaHub (2019), no início do negócio a ter o seu espaço, contratar funcionários para auxiliar com as atividades e, até mesmo, atender grandes demandas de clientes, o que acaba limitando a oferta do seu serviço ou produto, e causa uma sobrecarga de tarefas entre vida familiar e vida de empreendedora.

Diante dos desafios de ter que lidar com a condução de seus negócios, essas empreendedoras tem a consciência de que é necessário ter uma gestão financeira nos seus negócios, mas na prática a falta dinheiro em um dos lados (pessoa física ou jurídica) dificulta a separação entre finanças pessoais e do empreendimento. Na mesma perspectiva, a pesquisa realizada por Machado e Paes (2021) com mulheres negras empreendedoras, aponta que os desafios enfrentados giram em torno das questões do apoio familiar no cuidado com seus filhos, recursos financeiros por não ter acesso a créditos em bancos e a busca constante por respeito a sua pessoa e ao

seu trabalho, pois todas relataram passar por discriminações raciais e preconceitos referente à suas condições de ser mulher e sua classe social.

Quadro 4 – Desafios que envolvem o empreender

Entrevistada	Desafios
Aisha	<p>[...] em relação a empreender a partir de casa, que aí tu tem que dar conta de toda uma situação ali, né, com filhos em casa, e todas essas responsabilidades, e aí tu ter que dividir o que é da tua casa com o teu negócio, essas coisas pra mim sempre foram muito difíceis. Sempre foram coisas que me gerou sempre um desgaste, né, de não deixar nem uma coisa nem a outra com déficit assim, então, de tentar dar conta de tudo, entendeu? É isso que eu te falo, tinha minha mãe, tem a minha mãe né, que ela sempre me auxilia assim quando ela pode, eu procuro não ficar pedindo muito né, até pra não sobrecarregar ela né [...] então muitas vezes eu fiz coisas sozinha, então acho que isso também é um dos desafios, a gente não ter muita condição de ter funcionários assim, de pagar pessoas para fazer parte da nossa equipe [...].</p> <p>[...] Para nós é primordial, é uma coisa básica, a gente tem que saber administrar um negócio. Não é tu ganhar lá cem reais ao dia e gastar aqueles cem reais para pagar uma conta de luz. Mas é o que a gente faz. Pagar uma conta. E aí a gente acaba nunca tendo o que precisa.</p>
Kalifa	<p>[...] Mas assim, eu acho que não é uma trajetória fácil, não é clichê, é dor mesmo, tu sente dor, tu chora, tu não tem dinheiro, tu pensa muita coisa e não tem o dinheiro para girar. Ah, é tão legal, tem que ter o fluxo de caixa, tem que ter a tua conta separada da tua conta pessoal, da tua conta da empresa. Ah, tá bom, eu tenho dinheiro lá na conta da empresa e a conta da luz tá vencida, não vou pegar? Entendeu? Então assim, é um caminho que não é fácil. [...].</p>
Aduke	<p>[...] Porque como eu tenho dívidas, eu sempre vou usar, sempre acabo usando pro orçamento familiar. Eu ainda não consigo ter esse controle de separar o [nome da entrevistada] e da [nome do negócio], não consigo ainda. Enquanto meu nome estiver sujo eu tenho que pagar as contas de casa junto com o material que eu preciso trabalhar.</p>

Fonte: dados da pesquisa.

A partir do exposto, pode-se apontar que a dificuldade na organização financeira dos negócios ocorre também por não poder viver somente desses rendimentos, fato relatado pela maioria das entrevistadas, pois para além do seu empreendimento concilia outras fontes de renda vinda de trabalhos formais e eventuais. Ocasionalmente para essas mulheres um desafio em administrar sua vida pessoal com família, maternidade, trabalho em casa, vida acadêmica, mais questões raciais.

4.3 O RACISMO QUE PERPASSA TODOS OS ÂMBITOS DA VIDA DE UMA MULHER NEGRA: “DE SER QUESTIONADA SE EU SOU A DONA DA MARCA, QUANDO TU VAI NUMA EMPRESA TRATAR, E AS PESSOAS ACHAM QUE TU É O FUNCIONÁRIO QUE VEIO FALAR SOBRE AQUILO” (Dandara)

O racismo está relacionado com a ação do preconceito contra uma raça que acredita ser inferior pela sua etnia. Segundo IBGE (2018), este fato gera desigualdades sociais no Brasil, fazendo com que as condições de vida de pessoas negras sejam diferentes das condições de vida das pessoas não negras em relação ao acesso à educação, emprego, saúde, segurança, o que acaba criando um abismo de realidades da população.

Segundo Almeida (2019, p. 51) o racismo é definido “como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”. Conforme os relatos das entrevistadas, as situações de racismo atravessam diversos pontos em suas vidas, seja na época da faculdade, no mercado de trabalho como vínculo empregatício ou no empreendedorismo (Quadro 5).

Por exemplo, a entrevistada Sabali relatou que houve preconceito racial envolvendo um professor da Universidade, por encontrá-la fora de uma posição de serventia buscando cursar o mestrado. É considerado anormal por fugir dos padrões pré-estabelecidos nesses espaços. A sociedade normalizou que grande parte da população negra ainda esteja de fora de determinados lugares e de acessos como no caso à educação superior (ALMEIDA, 2019).

As entrevistadas ainda relatam que a situação de discriminação racial na maioria das vezes ocorre sutilmente de diversas formas. Conforme Ribeiro (2018, p. 39) “algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo”. Dessa forma, o racismo velado que vem disfarçado fica difícil comprovar.

No Quadro 5 estão apresentados trechos que relatam situações de racismo enfrentadas pelas entrevistadas.

Quadro 5 – Situações de racismo vividas pelas empreendedoras

Entrevistada	Relato de situação de racismo
Aisha	<p>[...] “nunca vai pegar uma vaga de nutricionista, nunca vai ser nutricionista aqui na [nome do hospital] com aquele cabelo”. E o cabelo que eu usava na época que eu me formei eram dreadlocks [...]</p> <p>[...] de certa forma, pesou pra essa não adequação que eu sentia nesse espaço, entende? Então tipo assim, ai, não é meu perfil, eu não sou a nutri que vai estar desfilando no corredor de jaleco e chapinha, entendeu? Acho que eu não me reconhecia naquele espaço, né. Pode ter sido uma imaturidade da minha parte, mas eu não me senti. E assim, outras situações. Fui fazer uma ficha, né, preencher uma ficha, disse nutrição, e a pessoa “É técnico em nutrição?” Não que tivesse problema, mas porque não podia ser nutricionista? E são coisas, são micro situações que acho que vão minando a gente de alguma forma [...]</p>
Aduke	<p>[...] eu sofri uma injúria racial no serviço. Como eu era encarregada e responsável no momento como eu era como a gerente naquela oportunidade o meu agressor que inclusive era gay, ele me chamou de vagabunda Macaca porque eu não deixei entrar no mercado sem camiseta. E ele estava sem camiseta e sem chinelo. [...] Eu saí da empresa por essas posturas dos clientes e uma dessas foi punk que eu tive... A partir daí eu desencadeei a síndrome do pânico e ansiedade porque é uma área muito violenta [...]</p>
Mene	<p>[...] tinha muita discriminação dos colegas, das colegas na verdade. [...] eu tava entrando em transição capilar né daí eu tava com o cabelo mais curto e tal mais sem definição e daí falavam do meu cabelo. Sabe? [...] Esses comentários assim... que foi também o que me motivaram a sair também, não aguentei porque tipo era todo dia um comentário tipo esse assim. Do cabelo e tal.</p> <p>[...] como lava? Sabe? Eu sei que isso tem bastante preconceito incluso, porque até pouco tempo as tranças eram vistas como algo sujo e tal e como tudo que vem do Afro, do negro, a religião... tudo é visto como um preconceito. [...]</p>
Niara	<p>[...] A gente tem que estar sempre lutando, né, Fernanda, porque sempre tem um que gosta de pisar na gente. Sempre tem um que acha que a nossa cor é inferior, e que nós, né [...] teve pessoas da cor branca, que não gostavam de mim, que implicavam muito comigo. [...] Como eu sabia sair daquele problema, eu mostrava o meu trabalho, então aquelas pessoas, elas não conseguiram me diminuir. Como eu te disse, eu nunca consegui perceber que alguém me fizesse uma discriminação. Mas agora, vendo depois, por tempo de serviço, passei por alguns perrengues, tipo colegas brancos que não gostavam da minha cara em hipótese nenhuma, sem nem me conhecer [...]</p>

Dandara	<p>[...] a minha primeira promoção, o meu presente foi alisar o meu cabelo e fazer luzes. Só eu tinha fiz isso, uma mulher preta alisar os cabelos e fazer luzes pra ser promovida. Foi um presente, ali naquele período eu achei que fosse um presente [...] depois teve eu soube de questões de pessoas que... tipo, outras mulheres, não negras, que cuidavam de um departamento, enquanto eu cuidava de três, quatro, só que eu ganhava menos que elas. Então tinham pequenas coisas, assim, que tu vai percebendo. Já tive situações de clientes que falaram “Eu não sou atendido por pessoas pretas” [...].</p> <p>[...] Não é que não seja bom ser o primeiro, mas é ruim ser o único preto em todos os espaços. E eu me lembro muito dessas questões, de ser questionada se eu sou a dona da marca, quando tu vai numa empresa tratar, e as pessoas acham que tu é o funcionário que veio falar sobre aquilo. [...] Em algum outro momento eu tive uma outra empresa, que era de inclusão de pessoas com deficiência, e quando eu ia nas empresas pra fechar os contratos, sempre me perguntavam: “Tá, mas quem é o dono?” Nunca imaginavam que a dona era uma mulher preta [...]</p>
Limber	<p>[...] Instagram ele não entrega. Se eu tirar uma foto, eu negra e tirar uma foto ele não entrega a quantidade de visualizações né, de compartilhamento quanto uma pessoa branca. Isso eu vejo por que se eu posto uma foto de uma branca no Instagram dá muito mais curtida do que eu postar uma foto minha, negra ou sei lá postar outra foto de outra pessoa negra. Mas o esforço que a pessoa negra tem que ter pra poder visualizar assim para vender mais do que a pessoa branca. [...] Eu acho que é muito mais difícil pra gente vender. [...] Já fiz vídeos falando no Instagram, mas eu tinha bastante medo também [...] Não dá credibilidade por uma mulher negra também. Parece que o serviço não é a mesma coisa não é tão valorizado [...]</p>
Kalifa	<p>[...] fiquei escondida atrás do logo da [nome da empresa], não aparecia nas redes sociais, não fazia nada mostrando quem estava por trás daquela empresa de espaço [nome da empresa] em casamento. Porque eu não me sentia à vontade, porque como eu sempre atendi o público elitizado. [...] E uma vez eu passei assim, teve várias situações, vários olhares, e teve dois momentos muito marcantes. A primeira foi que eu passei por todo o restaurante, e eu cheguei e fui até o fundo, cheguei no espaço kids. Em seguida que eu cheguei no espaço kids uma senhora veio, chegou junto comigo, [...]ela perguntou se estava tudo bem. “Tá tudo bem [nome da neta da senhora]?”, tipo assim, sabe? Não diretamente, mas ela viu, ela esperou eu chegar ali, deu dois segundos ela apareceu. Vários olhares, principalmente de pessoas idosas, pessoas brancas idosas, que são os olhares que mais me assustam, sabe? Eu tenho medo de pessoa velha, de pessoa idosa, tipo assim, ainda mais as brancas, elas não tem filtro, elas não vão mudar e elas estão em um espaço seguro para elas. Quem está em um lugar que não é seguro sou eu. Eu tô circulando em um espaço que não é seguro.[...]</p>

Sabali	[...] Fui fazer lá a entrevista pro mestrado. E um dos professores que estava me entrevistando tinha sido meu cliente há anos atrás. Então eu vi naquele momento que a forma como ele tinha me tratado quando eu fui na casa dele pra cortar o cabelo era uma. E me ver ali na posição de estar fazendo uma entrevista pro mestrado dava uma coisa assim, “como assim, isso aqui tá fora do lugar”, tá me entendendo? E aquilo gerava um tipo de relação comigo muito interessante, estranha, peculiar. De estar cruzando com pessoas, e elas me tratarem de um jeito quando eu tô indo lá na casa delas cortar o cabelo e elas me encontram num outro lugar , e isso fica um quadrado redondo na cabeça delas. E pra mim isso tem a ver com processos de discriminação, processo racista, na verdade, vamos dar um nome um pouco mais específico. De não poder imaginar que a gente pode ser isso e aquilo. A gente ocupa certos lugares, e eles são marcados no imaginário. [...]
--------	---

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação às situações de racismo vividas pelas empreendedoras (Quadro 5), tem as mulheres que sofreram violência extrema em seus vínculos empregatícios e foram para o empreendedorismo, como caso de Aduke, que além da agressão física sofrida foi vítima de injúria racial. Ainda com todos esses processos traumáticos que carrega, conseguiu transformar essas dores em forças para seguir trabalhando exclusivamente com seu negócio.

Porém, mesmo que o empreendedorismo permita a autonomia de saber de que forma será tocado o negócio, essas mulheres continuam sofrendo com o mesmo sistema de discriminações raciais. Um bom exemplo disso é a história da Kalifa que relata o medo de transitar em determinados espaços, principalmente quando depara com pessoas brancas e idosas, que, geralmente, são mais difíceis de lidar por já possuírem formadas suas crenças preconceituosas. Segundo define Almeida (2019, p. 32) “o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que se pode ou não resultar em práticas discriminatórias”.

É possível observar a ocorrência em seus próprios empreendimentos envolvendo cabelos e tranças e, até mesmo, de perder visibilidade nas redes sociais por mostrar quem é a dona do perfil. Além disso, essas mulheres são subestimadas o tempo todo no seu processo de empreender. Há desvalorização e desconfiança quanto a sua existência e dignidade, quanto a ser dona de um negócio, quanto ao produto que oferta. Os espaços onde elas transitam são demarcados por um padrão branco. Conforme aponta relato de Kalifa,

[...] eu circulo por essas mesas e esse espaço muito elitizado, as pessoas olham. Aí eu vejo que é um olhar de questionamento. “Mas o que ela tá fazendo ali? O que será que ela tá olhando?” E quando eu me aproximo das crianças, eu sinto uma desconfiança, sabe? Não precisa a gente falar. “Ah [nome da entrevistada], como assim que tu percebe?” Não precisa falar, a gente sabe como que a gente percebe.

Nessa perspectiva, Siqueira, Nunes e Morais (2018, p. 239) apontam que “as mulheres negras ainda sofrem com reflexos históricos desse panorama de injustiça, as excluindo e as marginalizando diante de sua participação social e de sua participação no próprio setor empreendedor”. Observa-se nos relatos das entrevistadas que há uma luta constante contra o racismo. É necessário possuir uma veemência de fazer valer sua existência na sociedade. Contudo, por mais que existam políticas de combate à discriminação racial e de gênero, os avanços ainda são lentos e não estancam os problemas na sociedade.

Porém, é preciso destacar o relato de Dandara:

Hoje eu vendo produtos com estampa afro. Automaticamente a dona sou eu. Então não tem muita discussão, nem perguntas por isso. Mas tive em outros momentos, quando a minha empresa não tinha um recorte de diversidade nessa questão racial. Ainda não era vista como a dona.

Segundo Oliveira Júnior e Oliveira Pesseti (2020, p. 14):

Os empreendedores negros ao focarem no seu próprio público, que conhecem bem sua realidade, além de alcançarem o sucesso, superando barreiras como racismo, falta de capital e pouca experiência, ajudaram na conscientização da importância da identidade negra.

Dessa forma, é possível apontar que quando a empreendedora trabalha com produtos de linha afro são mínimas as chances de haver dúvidas sobre quem está por trás do negócio.

4.4 EMPREENDEDORISMO COLABORATIVO E SENSIBILIDADE NO EMPREENDER: “ENTÃO TEM UMA CREDIBILIDADE A SER PASSADA, MAS PARA ALÉM DA CREDIBILIDADE, UM AFETO” (Sabali)

As entrevistadas relataram que se preocupam em contemplar a transformação social com seu ato de empreender, buscando trazer generosidade, solidariedade, representatividade, empatia e acolhimento com o cliente (Quadro 6). Dessa forma,

percebe-se que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, procuram fazer diferença com o seu trabalho em questões sociais.

Quadro 6 – Sensibilidade no empreender

Entrevistada	Sensibilidade no empreender
Kalifa	[...] Comecei fazendo um projeto social , eles recebiam escolas de bairros muito pobres de Porto Alegre, em outubro, no dia das crianças, o restaurante abria as portas para receber uma escola lá para conhecer como o restaurante funciona, enfim, tudo. E aí, a dona me convidou, me conectaram com a dona, a dona me convidou, se eu não queria fazer um dia uma recreação ali nesse evento e aí eu fui, fiz, óbvio né, de coração mesmo e aí a gente se conectou e eu segui com o espaço [nome da empresa] todos os sábados no restaurante dela [...]
Aduke	[...] Porque na nossa época, ficar no salão com o cabelo desse tamanho muitas pessoas não, não, não se aceitavam né, seu Black . Se tava amarradinho tava bom, tava com aquele cocuruto horrível tava maravilhoso, mas soltava para a mulher, para a cabeleireira mexer... Era complicado. E então era uma forma de elas não se exporem no salão e eu atender e eu ter total disponibilidade para ela na residência dela [...] Muitas vezes eu tava, “Ah, meu problema eu não consigo resolver”, tu tá na casa daquela cliente e vê que o problema é pior que o teu. Ela teve a coragem de fazer as tranças pra ela poder se animar. Pra ela poder se sentir linda. [...]
Aisha	[...] Porque a gente pensou com muito carinho no espaço, né. Tinha muito de nós dentro daquele espaço, então a gente organizou da melhor forma possível, assim. Mesmo tirando do nosso bolso, a gente fez o melhor ambiente . Então isso era bem positivo, as pessoas que iam lá, elas adoravam, às vezes as pessoas que iam ficavam lá o dia todo. E a gente conversava [...] Então a gente fazia toda uma história, apresentava o espaço, falava de tudo, isso era bem legal, assim [...]
Sabali	[...] é pra quem eu quero oferecer esse trabalho, quem pode acessar esse serviço. Porque em geral um serviço com esse nível de, vamos dizer assim, de personificação, tu ter o acesso de uma pessoa, que vai até a tua casa, cortar teu cabelo, se for oferecido por um determinado espaço, provavelmente isso tem um custo alto, né. [...] também tenho vontade de fazer diferente do que tem sido feito, né, porque em geral é um tipo de serviço que tem sido bastante elitizado , de alguma maneira, no sentido do acesso, né. [...] Não é qualquer pessoa que pode acessar um processo de assessoria, então isso eu trago, eu mesclo a questão do que eu aprendi no me tornar empreendedora com os cabelos essa questão da política de preços dentro da assessoria. [...] De olha, não vá deixar de acessar, isso é um direito também , que eu acredito. Porque... enfim, tem um compromisso social nessa assessoria também.
Dandara	[...] ao mesmo tempo, pensar que as minhas roupas levam autoestima, memória afetiva para outros profissionais, e que eles se sentem acolhidos , pertencentes, representados através de uma vestimenta minha, isso me dá um impulso, sabe?

Fonte: dados da pesquisa.

As empreendedoras, conforme relatos no (Quadro 7), buscam trabalhar em rede com outras empreendedoras de forma colaborativa no mercado, sem disputa, ainda que esteja no mesmo ramo. Elas apontam a importância de manter a cooperação e a ajuda mútua com outros negócios, não havendo problema com questão de indicação de outros trabalhos. Guedes (2020, p. 234) aponta em seu estudo realizado com empreendedoras advogadas que:

O trabalho coletivo possibilitou comprovar que uma das estratégias defensivas utilizada pelas mulheres na confrontação contra o real da ação empreendedora é justamente a atuação em coletividade. Não se trata apenas de se unir para enfrentar dificuldades pontuais, mas trata-se de uma postura, de uma maneira de viver o empreendedorismo por mulheres. Fazer frente ao real, é fazer frente às pressões sociais, à cultura da performance, ao preconceito, à discriminação, às cobranças da família.

Sendo assim, a ajuda mútua e o senso de cooperação as fortalecem para as lutas diárias que envolvem suas vivências como mulheres empreendedoras.

Quadro 7 – Colaboração no empreendedorismo

Entrevistada	Colaboração no empreendedorismo
Sabali	[...] Uma disputa de mercado que eu não sei se eu quero bancar. Não é uma questão de se estabelecer como a top das tops que corta. Não. E eu acho tudo bem que alguém possa fazer isso. Não tem problema. Pra mim, o problema é que a competitividade gere o apagamento de processos que podem coexistir. Eu posso coexistir com quem está fazendo alguma coisa assim. Eu fico faceira quando eu vejo - e eu felizmente vi - crescerem muito negócios de pessoas pretas oferecendo serviços qualificadíssimos de corte de cabelo, sabe? De cabeleireiro, de cuidados, eu acho que tem muita gente fazendo coisas incríveis. E eu fico feliz e coexisto. Eu só acredito que a gente pode continuar existindo juntos, sem que necessariamente eu precise entrar num certo jogo de disputa competitiva que pra mim não funciona.
Aduke	[...] Oh moça, eu não sei fazer mas eu tenho uma profissional que sabe fazer. Só não sei se ela tem horário.” E daí eu vou entrar em contato e saber “Oh posso dar teu número pra uma cliente?” . É assim que eu faço, é assim que eu acho que tem que ser o empreendedorismo, não só nós negros, todos, todos, que é um Coletivo. Um tem que puxar o outro. A gente não é ninguém, nem na hora de quando a gente nasce
Aisha	[...] eu ia participando pontualmente de algumas feiras, que também acontecia sempre dentro do movimento negro, né. As atividades relacionadas ao movimento negro que tinham feiras eu acabava participando, por indicação das colegas que participavam das feiras.

Fonte: dados da pesquisa.

É possível observar que fazer parte de um coletivo onde elas possam trabalhar com outras empreendedoras negras, ou fazer parte de associações afros, por exemplo, gera fortalecimento das relações em comunidade. As associações afros oferecem orientações quanto ao aspecto financeiro e administrativo dos negócios geridos por pessoas negras. Além de apoiar representatividade e oferecer acolhimento para empreendedores negros, fazendo propagação e valorização da cultura afro, impulsionando a ascensão econômica dessas empreendedoras. Nesse sentido, destaca-se a fala de Aisha sobre o Coletivo Afro:

E foi super positivo, assim, de alguma forma, porque era um espaço que não tinha na cidade, com essas características, de ser um espaço coletivo, somente de pessoas negras, gerido por pessoas negras, né, e com toda uma identidade. Então acho que foi uma coisa assim meio que pioneira. Então foi muito legal, porque foi um referencial para muitas pessoas. Então a gente tinha a questão cultural, que a gente fazia o encontro tipo de *happy hour*, trazia atração de música negra, cultura negra.

Segundo Cunha e Schmidt (2019, p. 12):

O foco da rede no empreendedorismo e na geração de riqueza não visa substituir os tradicionais espaços de militância negra, mas sim se tornar uma nova esfera de defesa dessa população. O enriquecimento e uma maior participação da comunidade negra na produção e consumo de bens pode se tornar uma poderosa ferramenta contra a discriminação.

Observa-se que fazer parte de coletivos ou associações afros é uma forma de fortalecer e reafirmar sua identidade negra, assim como se reunir com outras empreendedoras negras para a troca de experiências já que enfrentam o desafio em comum do racismo estrutural. Esses espaços também possuem como objetivo a promoção da ascensão social e econômica do povo negro, por meio de apoio e de orientação para a atividade empreendedora. E promovem o resgate da cultura afro, impulsionando o consumo de produtos e serviços com representatividade.

4.5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PANDEMIA: “ACHO QUE A GENTE FEZ UM ESFORÇO MUITO GRANDE PRA MANTER O NEGÓCIO” (Aisha)

A crise econômica causada pela pandemia impactou no ramo empresarial em todos os portes de empresas, mas conforme pesquisa O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios, elaborada pelo SEBRAE, juntamente com a FGV, as mulheres negras que estavam por trás de um negócio foram as mais

prejudicadas (ASN, 2020). Os dados mostraram que as mulheres negras foram a que mais tiveram que fechar as portas por tempo indeterminado (36%), quando comparado a homens negros (30%), mulheres brancas (29%) e homens brancos (24%). Isso se deve ao fato de que os empreendimentos de mulheres negras são, em sua maioria, realizados presencialmente, dificultando a migração de vendas de produtos ou prestação de serviços para o meio digital (VERDÉLIO, 2020).

Esses achados também vão de encontro com os resultados da presente pesquisa, uma vez que das oito empreendedoras entrevistadas somente uma já comercializa roupas de forma virtual, e o restante atua em locais físicos como eventos públicos, feiras, festas, salões de beleza e no domicílio dos clientes. Com as restrições de circulação devido ao estado de calamidade pública na cidade de Porto Alegre (Decreto n.º 20.534, de 31/03/2020 da Prefeitura de Porto Alegre-RS), a solução foi usar redes sociais como um espaço de visibilidade para manter contato com o público.

Nos relatos das entrevistadas em relação aos desafios e dificuldades na pandemia (Quadro 8), a questão financeira foi a que mais prejudicou o andamento dos seus negócios e não havia a opção de aumentar os preços dos seus produtos e serviços devido à crise financeira ter afetado a todos.

Quadro 8 – Desafios e dificuldades passadas na pandemia

Entrevistada	Desafios e dificuldades durante a pandemia de Covid-19
Niara	Quando chegou em março de 2020, que veio a tal da pandemia para nós, que aí que fechou, lacrou as faculdades e as escolas, comecei a ter muitas dificuldades, muitas mesmo, mas até ali eu mantinha, porque eu não pagava aluguel. [...] Em março de 2020, o meu pai ficou doente . Aí junto vem a pandemia. Aí eu tinha que me dividir em família e empreendedora [...] Eu abri em novembro, a pandemia foi em março. Até ali, eu né, altos e baixos, altos e baixos, altos e baixos. Eu fechei mesmo foi dia 28 de fevereiro de 2021, que eu peguei o covid e ali eu lacrei a cozinha. E ali eu não consegui me levantar mais. Isso é um tempo, né? Até março de 2020, quando começou eu perdi várias pessoas , perdi pai, perdi tios, perdi amigos. Nesse meio tempo, aí em fevereiro de 2001, perdi a minha tia, que era nossa mãe, a mãe de toda a família, que criou muitos dentro... que viu todo mundo nascer, praticamente. Ali eu peguei o covid e ali eu não me levantei mais. Aí eu fiquei dois meses numa situação crítica .

Aisha	Pra gente prejudicou muito, assim. A gente ficou todo esse período fechado , então a gente fechou em março e reabriu em setembro de 2020, né. Então a gente funcionou de dezembro a janeiro, praticamente, fevereiro, ali, e fechamos em março. Imagina, como o negócio vai dar certo? Mas a gente resistiu. Porque a gente seguiu pagando aluguel , né, nesse período de março até setembro, que ficou fechado, a gente pagou, né, sem estar recebendo, cada um do seu jeito, assim, vendia coisas por fora, e aí em setembro a gente voltou, só que não voltou tudo, porque era só os serviços essenciais, então eu voltei com a questão da alimentação. E aí eu fiquei um período assim, [...] mas com muita desmotivação, mas seguindo, porque a gente tinha que pagar as nossas despesas ali do espaço. [...] depois as coisas foram retomando, um pouquinho mais, aí a gente reabriu, fizemos alguns projetos [...] Acho que a gente fez um esforço muito grande pra manter o negócio, pagando pra trabalhar no espaço, e aí chegou um ponto em que ficou realmente insustentável. Porque daí já não tinha nem muito o suporte, né, do proprietário, de entender a situação que a gente estava passando, todos estavam passando, e aí a gente optou por diluir, se desfazer do negócio.
Dandara	Na pandemia, sim, eu vendia, mas não tinha como vender na quantidade que se esperava. Eu precisava, por exemplo, fazer eventos em feiras. Não tinha como fazer. Hospital, as pessoas estavam preocupadas com gente morrendo com covid, não com o jaleco que ia usar naquele dia. então pra mim teve esse desafio inicial de ter que desistir de empreender porque eu não consegui viver disso naquele momento , e aí quando eu decidi fazer a segunda tentativa que essa hoje da [nome da loja] que foi sem querer, mas mesmo depois, que eu vi que tinha potencial, que tinha tudo pra dar certo, eu ainda assim não me senti segura pra abrir mão de um trabalho em que eu tivesse um salário fixo, pra viver dela.[...] E é um desafio muito grande, né.[...] teve a questão de diminuir as rendas, em função de que eu trabalhava só com a área médica, e não era o foco deles , mas teve muito também a questão do preço da matéria-prima. Subiu muito. Isso impacta muito na hora de produzir. Então a questão pandêmica também influenciou os canais de venda, porque era só internet, não tinha como fazer feira, e as pessoas não estavam focadas nisso, mas também na questão do custo, porque é isso, se a gente não tem o capital de giro, se a gente não tem como negociar preço, [...] Então comprar pouco, no momento de pandemia, com tudo caro, saía um custo muito alto e eu não podia repassar o valor pro cliente. Então foi um desafio na pandemia.
Limber	Procurei emprego de carteira assinada para me estabilizar para depois poder investir mais.
Niara	Eu resolvi limpar chão , porque é mais fácil limpar o chão do que morrer de fome, que nem naquela época eu tinha a oportunidade de seguir a minha carreira porque estava tudo fechado .
Kalifa	[...] fui trabalhar de uber particular e aí eu fiquei, dois meses trabalhando [...] Eu tô parada mesmo, não tá entrando dinheiro ``. [...] Guria, eu fiquei dois meses trabalhando de motorista particular de criança, fiquei de acho que de julho a setembro, eu fiquei com ela. Aí trabalhei três meses, e rendeu uma grana boa, assim, sabe, consegui respirar de novo. Porque assim, né, tu afunda e... Dei uma respirada. Respirei um pouco com esse trabalho. Daí eu saí, e recebi um outro convite. Aí hoje eu trabalho no meu negócio, claro, um espaço que está voltando aos poucos, estão voltando , mas eu estou trabalhando como gerente de produto de uma aceleradora de mães de São Paulo. Então hoje eu trabalho com elas, desde de outubro.

Sabali	Então eu comecei a trabalhar de carteira assinada, em outro lugar , em 2020, trabalhei como educadora social, durante um ano, quase, de março a novembro.
--------	--

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme relatos nas entrevistas, um dos problemas na gestão financeira dos empreendimentos das mulheres negras é a questão de conseguir separar caixa da empresa e despesas pessoais, pois é comum tirar dinheiro da empresa para custear contas da casa. A partir do (Quadro 8) é possível perceber que a pandemia da Covid-19 agravou a questão de não ter recurso financeiro para cobrir imprevistos financeiros e emergências. O estudo de Ribeiro e Santos (2021, p. 56-57) aponta que “uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas 57 empreendedoras durante a pandemia foi a falta de planejamento e de reservas de emergência, mesmo sendo pequenas empreendedoras”.

Apesar de o governo federal ter lançado o programa de acesso ao crédito para as Micro e Pequenas Empresas (MPEs) por meio do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), no qual empreendedores poderiam buscar linhas de créditos para empreendimentos nos bancos que faziam parte do programa (SEBRAE, 2020). As entrevistadas da presente pesquisa não correram aos bancos para obter recurso financeiro, com base nos mesmos motivos pelo quais não buscaram os bancos no momento da abertura de seus negócios: por estarem com restrições no CPF; por oferecerem taxas e juros altos; por exigirem burocracias e garantias de pagamentos.

Contudo, quatro empreendedoras contaram com recursos financeiros vindo de projetos e iniciativas de programas de instituições afros que visam à aceleração de negócios de empreendedores negros (Quadro 9). Para além do suporte financeiro, essas iniciativas oferecem orientação para o negócio, mentoria, consultoria e o espaço para formação de rede de apoio para que as empreendedoras possam trocar experiências e acolhimentos.

Quadro 9 – Recursos na pandemia

Entrevistada	Recursos na pandemia de Covid-19
Kalifa	eu me inscrevi em dois programas sociais, que foi, um foi do Afrolab, foi do movimento negro, uma coisa assim, e aí eu me inscrevi em um desses e aí eu ganhei mil e quinhentos reais, que era para investir no teu negócio. Aí destes mil e quinhentos reais, eu investi um pouco no kit, mas eu investi principalmente em uma mesa para meu escritório e uma cadeira para trabalhar o dia inteiro. É a minha maior realização assim.[...] né, mas ainda não é a dos sonhos, bem mais confortável, que eu ainda vou comprar. E aí eu participei desse programa, de tu investir dinheiro no teu negócio, tinha que prestar contas depois, tu não tem que devolver o valor, mas tu tens que prestar contas no que tu usou. Então foram mil e quinhentos reais, que eu recebi desse projeto, foi durante a pandemia.
Dandara	participei de um programa de aceleração de negócios, que foi com a rede mulheres empreendedoras , nisso a nossa marca tinha oito meses, não, sete. Eu ganhei quando a marca tinha sete meses, eu entrei quando a marca tinha quatro meses. Um programa de três meses, eram 1200 mulheres inscritas, durante todo o processo, no final, três mulheres ganhavam, das finalistas três mulheres ganhavam dez mil reais, e eu fui uma dessas.
Aisha	por indicação de grupos que eu participava de mulheres negras, né, e que a gente já tinha... Eu falei do afromentory, que eu participei , que era da Reafro, né, mas teve o programa que foi Afrolab para elas. Afrolab para elas, que é da feira preta, é um dos projetos assim da feira preta, e aí eu tinha participado no anterior, ou dois anos antes, não lembro, e aí eles têm os contatos das pessoas que participaram desses processos de formação, e aí a gente teve sim acesso a esse recurso financeiro. [...]. E acho que na casa, quando a gente tava, a gente teve também um outro edital, que a gente participou, não me lembro o nome do edital, mas que era da prefeitura, pra empreendedores também, e a gente recebeu um recurso que era pra custeio das despesas fixas , né. Também acho que foi três meses, e a contrapartida que a gente teve foi que, ao final, antes de a gente encerrar a casa.
Sabali	cheguei a me inscrever em alguns programas de apoio a empreendedores, um deles foi da Aliança Empreendedora , e foi bem legal, porque também era um processo de formação, tinha algumas formações. Foi muito bom pra aprender sobre formalização, sobre... e ouvindo outras empreendedoras, também, tinha um grupo de <i>WhatsApp</i> , onde a gente trocava. Outras coisas que aconteceram nesse ínterim foi... eu participei do AfroLab, que foi muito bacana, que é um processo de mentorias que é gerenciado pela Feira Preta [...] o AfroLab foi muito importante, sobretudo pra além do negócio, de poder encontrar outras mulheres pretas que estavam passando por uma série de questões e dúvidas [...], então foi meio que um espaço de fortalecimento, com algumas, com muitas delas eu ainda mantenho contato, a gente segue próxima, é uma rede, né, que se constrói. Mas assim, em termo de pilas, eu acho que a única coisa nesse sentido foi um apoio financeiro que era dado por essa assessoria, né, da Aliança Empreendedora.

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme os relatos destacados no (Quadro 10), é possível observar outras soluções que aplicaram em seus negócios como uma forma de sobrevivência no mercado, que foram ideias e sugestões compartilhadas por outras empreendedoras

no quesito de se manter visível para o público usando redes sociais, trazendo interação e gerando conteúdo. Além disso, as empreendedoras buscaram oportunidades de diversificar seus produtos e, até mesmo, mudar as vendas de serviços para produtos naquele momento, que diante da dada situação teria uma demanda.

Quadro 10 – Possibilidades na pandemia

Entrevistada	Possibilidades na pandemia de Covid-19
Aisha	<p>Então ela me deu uma estratégia ali de venda, né. E pra mim super funcionou aquilo ali, me deu um ânimo, sabe? Me deu ânimo. É a rede de apoio também, me deu um up. Eu tava muito deprimida, não sabia o que eu ia fazer, ela “Não, não, faz isso”. E realmente, foi que nem mágica, sabe, eu comecei a fazer os combos, comecei a divulgar, só fazia quando as pessoas pediam, e deu super certo. [...] Foi a questão da dificuldade financeira, que eu consegui sanar em um período ali com o auxílio, as dicas dessa minha colega, foi um período que foi melhorzinho, assim, né.</p> <p>[...] Tentando transpor essa questão da pandemia né, então é isso, é sempre tendo suporte de outras mulheres negras que empreendem né, então tem pessoas que são da área da alimentação, que já tem um negócio consolidado e que eu conheço e essas pessoas também me dão um suporte sabe [...] eu tenho uma sugestão, eu tenho uma ideia de coisas que tu pode melhorar”, então eu recebia esse suporte assim, de outras mulheres negras, mesmo sendo da mesma área de atuação, sabe?</p>
Mene	<p>É tipo, acho que essa da rede social foi uma resolução. De começar a postar conteúdo ao invés de postar os trabalhos.[...] Então eu fiz um curso mais aprofundado com ela, até essa coisa de alimentar as redes sociais, essa própria ideia do conteúdo foi assistindo às aulas dela, porque eu tava parada mesmo então eu pensava “vou estudar, vou focar nisso aqui.” Para evoluir futuramente. Daí eu comecei a ver precificação, marketing, como alimentar as redes sociais de forma atrativa. Essas coisas assim além da técnica das tranças.</p>
Sabali	<p>Então eu criei uma certa dinâmica de interação com os clientes, [...] na minha página tem uma fotinha e uma descrição, e nessa descrição eu contava onde eu conheci, como eu conheci, o que a pessoa tava procurando quando me procurou pra cortar o cabelo, enfim, nossa troca, porque isso é uma outra coisa, um outro espaço, a troca é algo muito central no atendimento.[...] Muitas pessoas estão passando por isso”. Foi aquele boom de lives e atividades nas redes e aí eu comecei a fazer um pequeno quadro no meu perfil, eu entrevistava pessoas que eu sabia que estavam fazendo coisas, então outros empreendedores, pessoas que estavam fazendo tanto trabalhos como empreendedor - pessoas pretas, sobretudo - era "Afro Encontros", eu chamei, às terças, e foi muito legal durante um tempo.</p>

Dandara	Coisa que até nos ajudou muito, na questão de vendas dentro da pandemia, foi uma oportunidade a venda das máscaras, e gerou uma questão muito bacana nas empresas , porque daí não precisava mais ser essa questão de hospital, porque tinha uma questão assim, ó, de representatividade. As empresas começaram a falar: “Vamos contratar estagiários negros”, [...] Aí a gente começou a levar isso: “Tá, mas todo mundo tem que usar máscara”. Porque que não faz a máscara? Tem a estampa afro, tem que ter representatividade. E a gente começou a levar inclusive para as pessoas das empresas, enxergarem isso como algo legal, de fato trazer diversidade.
Kalifa	aí eu tô em casa, tô sem grana” e eu já tinha o projeto da caixa, quando eu trabalhava com eventos , tipo, de seguir, com um clube de assinatura, com brinquedos que eu fazia no espaço kids.[...] E foi muito assim de perceber a loucura que tava, do nada a empresa veio pra dentro da casa dos pais, a escola veio pra dentro da casa dos pais, os pais estavam com aquelas crianças ali a todo o tempo, mais a empresa e eles não tinham como entreter essas crianças e aí eu vim com essa demanda do kit e aí vender , fazer o comercial ali, pra mim, era tranquilo assim.

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Santos (2021, p. 57), “em um momento de inovar, de se readaptar e utilizar meios com o objetivo de amenizar os impactos sofridos, uma solução são as mídias sociais e canais online”. Sendo assim, essas medidas foram paliativas, não sanaram o problema das entrevistadas, mas foi possível dar andamento com os seus negócios sem estarem lucrando.

Pode-se dizer que na trajetória de cada uma dessas mulheres negras, composta por desafios como questões raciais, conflitos entre ser mãe e ter uma carreira, estudar ou ter trabalho formal, seguir no empreendedorismo foi uma forma de autonomia e libertação e, até mesmo, de realização profissional.

Sendo assim, suas vivências e motivações são plurais, cada uma tem sua história, porém com situações em comum. É possível dizer que o que fez diferença para essas mulheres, que possuem a capacidade de resiliência e de assumir risco, foi poder contar com uma rede de apoio formada por familiares, amigos, companheiros, associações e coletivos afros. As atitudes tomadas pelas empreendedoras como buscar participar de programas que estavam com projetos de apoio financeiro e orientações, ter buscado as redes sociais como uma forma de se fazer presente para seus clientes, a busca de lançar novos produtos considerando a demanda que teria pelo momento pandêmico, foram as estratégias possíveis na realidade de cada empreendedora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi possível refletir sobre as vulnerabilidades das mulheres negras e trazer visibilidade sobre suas trajetórias no empreendedorismo, considerando que as barreiras no seu empreender vão além dos desafios comuns presente para qualquer empreendedor. Foram apresentados relatos de que ter seu próprio negócio foi uma forma de fugir de situações de violência geradas pelo racismo, além das barreiras ao acesso a melhores oportunidades de trabalho, remunerações adequadas e justas ao seu cargo, bem como à falta de respeito à sua pessoa e cargas de trabalho que não permitiam conciliar trabalho com maternidade ou estudos. Porém, dar andamento em seus próprios negócios não impediu que essas mulheres passassem também por situações de discriminação racial. Assim, infelizmente, o racismo também esteve presente no empreendedorismo, como em outras experiências de suas vidas de maneira geral.

Contudo, é importante destacar as potências que essas mulheres tiveram em subverter essa situação degradante nas suas vidas, imposta pela estrutura racista. Observa-se uma força de transformar essas dificuldades em oportunidade e de fazer diferença na sociedade por meio do empreendedorismo.

Por minha experiência enquanto mulher negra percebo que o povo negro apresenta, de maneira geral, um senso de colaboração e de coletividade no seu empreender, que pode caminhar por uma via diferente das vias competitivas dos moldes do mercado. A referência competitiva, europeia branca e capitalista, foi uma imposição que eles trouxeram que “para um existir o outro não pode existir”. Essa ideia foi um processo que se expandiu de uma forma cultural segundo a qual “se um ganha, o outro perde”. Entretanto, pode existir outra forma de caminhar no mundo por essas mulheres empreendedoras, que prezam pela rede de apoio, solidariedade e da relação de ajuda mútua. Afinal, a superação dos desafios em comum é muito mais potente quando trabalhado em conjunto.

É necessário também destacar que abordar sobre o empreendedorismo negro diz também de uma questão política, para além da questão utilitária da geração de renda. Afinal, trata-se da produção vinda de empreendedores negros pensando em primeiro lugar o consumo da população negra. É uma forma de se estar presente no mercado contra diversos produtos padronizados de empresas, pensados e

produzidos especificamente para uso pela população branca. O movimento desses empreendedores é também uma ação política pela luta das questões de desigualdade. (NOGUEIRA, 2013).

Dessa forma, conforme apresentado ao longo da pesquisa, é possível reforçar a importância do tema abordado, visto que nos traz uma conscientização das realidades das mulheres negras. Além do fato que os empreendedores negros poderão ter outras percepções em seus negócios, conhecendo as trajetórias dessas mulheres negras empreendedoras. Elas, com resiliência, força e potencialidades, conseguem trilhar com brilhantismo o caminho no empreendedorismo. Conhecer aspectos de suas trajetórias é uma forma de aprendizagem e inspiração.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível alcançar os objetivos específicos delineados inicialmente. Verificou-se que as motivações relacionadas ao processo de empreender das mulheres negras são heterogêneas, já que se trata de suas experiências individuais, mas se relacionam socialmente quando optam por empreender no intuito de ter um trabalho digno e poder ser mãe, assim como estudar e ter seu próprio dinheiro. O empreendedorismo passou a ser um projeto de vida e uma forma de se proteger da vulnerabilidade em que estavam expostas em seus trabalhos anteriores.

Em relação aos desafios, observou-se que as questões de raça e de gênero influenciam em seus negócios, na questão de conciliar seu tempo em relação à vida familiar, principalmente quando se é mãe. Existe uma preocupação em estar com seus filhos e também poder se dedicar ao seu trabalho. Incluindo as relações coloniais de violência do homem contra a mulher, e da relação de superioridade masculina construída na sociedade. Além das dores e inseguranças causadas pelo racismo, quando há dúvida de sua capacidade para estar à frente de um negócio.

Como forma de lidar com desafios financeiros na pandemia de Covid-19, houve em paralelo aos negócios a busca por renda extra para evitar encerrar suas atividades. E contar com o apoio de amigos, familiares, grupos de empreendedores negros, grupo de mulheres empreendedoras, instituições de impulsionamento de negócios afros, associações e coletivos afros também foi essencial para que seus empreendimentos continuassem de pé.

Conforme o observado na pesquisa, as transformações percebidas foram além dos negócios em si. Houve mudanças em suas atitudes como empreendedoras de buscar novos caminhos e novas possibilidades em outros ramos. Usando da

experiência da pandemia de Covid-19 como algo para se aprender e estar preparada para novas adversidades que poderão surgir em suas trajetórias no empreendedorismo, pois este não é um campo neutro. Em especial quando o ponto de partida dessas empreendedoras está demarcado pelo racismo, além da sobrecarga de tarefas para conciliar família, estudo e trabalho.

Os conteúdos aqui apresentados demonstram que muitas outras pesquisas ainda podem ser realizadas sobre o empreendedorismo negro e sobre mulheres negras empreendedoras, devido à importância do tema e às inúmeras contribuições para o meio acadêmico, onde existem muitas discussões sobre certa “neutralidade” (que, na realidade, não é neutra, pois são estudos voltados para a referência do homem branco) no empreendedorismo, sem levar em consideração a realidade de empreendedores negros e, especificamente, de mulheres negras empreendedoras ligadas a questões de gênero, classe social e raça (pautas que carecem de estudo na área da Administração). Para dar seguimento com a pesquisa, recomenda-se o estudo na área do empreendedorismo negro relacionado aos empreendedores de comunidades e a importância do conhecimento de coletivos e associações afros.

Para finalizar, destaco também a importância que esse trabalho tem na minha própria trajetória de vida, pois é transformador e gratificante conhecer as diferentes histórias do grupo social ao qual eu faço parte. E também poder contar com essa rede de apoio formada por mulheres negras, que impulsiona outras pessoas negras. Dentre as ajudas recebidas para a elaboração deste TCC, destaco as indicações das entrevistadas participantes da pesquisa, além de uma assessoria acadêmica que prezou muito por me acolher nesta etapa da minha formação.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Desemprego na pandemia atinge maior patamar da série na 4ª semana de agosto.** 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28909-desemprego-na-pandemia-atinge-maior-patamar-da-serie-na-4-semana-de-agosto>. Acesso em: 2 mar. 2022.

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Empreendedoras negras ganham menos, são menos escolarizadas e a maioria está na informalidade.** 2021. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-negras-sao-metadadas-empreendedoras-brasileiras,5b8e4102eebcd610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 25 Out. 2021.

ASN - AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Mulheres negras representam o segmento de empreendedores mais atingidos pela pandemia no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-negras-representam-o-segmento-de-empreendedores-mais-atingidos-pela-pandemia-no-brasil,facda4c6bd3b3710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 25 Out. 2021.

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Pesquisa do Sebrae mostra que, em 2020, dobrou a demanda por crédito nos pequenos negócios.** 2021. Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/pesquisa-do-sebrae-mostra-que-em-2020-dobrou-a-demanda-por-credito-nos-pequenos-negocios,dd46f166f9817710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 25 Out. 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento.** Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1-13, 2012.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasi/article/view/612/522>. Acesso em: 30 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Vanessa Andrade de. LOPES, Fernanda Tarabal. **Considerações sobre a pesquisa em história de vida.** In: Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual - Eloisio Moulin de Souza (org.). Vitória: EDUFES, 2014. Pág. 41.

BORGES, Alex *et al.* **Retratos Do Empreendedorismo Étnico-Racial: Um Estudo Sobre A Trajetória De Empreendedores Negros.** In: **Anais Do Xi Egepe - Encontro De Estudos Sobre Empreendedorismo E Gestão De Pequenas Empresas**, 2020, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/egepe-2020/papers/retratos-do-empendedorismo-etnico-racial--um-estudo-sobre-a-trajetoria-de-empendedoros-negros>. Acesso em: 15 Out. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **MP abre crédito de R\$ 5 bilhões para financiar micro e pequenas empresas.** 2021. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/768404-mp-abre-credito-de-r-5-bilhoes-para-financiar-micro-e-pequenas-empresas/>. Acesso em: 15 set. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de lei nº 721, 2020.** 2020. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1987580/. Acesso em: 15 Out. 2021.

CAMTRA. **Relembrar para não esquecer: Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica.**2021. Disponível em: <https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CASTRO, Beatriz Leite Gusrmann de *et al.* **Empreendedorismo e coronavírus: impactos, estratégias e oportunidades frente à crise global.** *Estud.Gerenc.* v. 37, n. 158, p. 49-60, 2021.

CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; OLIVEIRA, Lucia Barbosa de; MIRANDA, Liliana Carneiro de. **Desigualdade de gênero no trabalho: reflexos nas atitudes das mulheres e em sua intenção de deixar a empresa.** *Revista de Administração*, v. 45, n. 1, p. 70-83, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** Brasília: Unifem, 2004.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 29, n. 1, p. 1-3, 2020.

CRUZ, Michelle. **As pioneiras no empreendedorismo brasileiro.** 2016. Disponível em: <https://incultec.ufop.br/news/pioneiras-no-empendedorismo-brasileiro>. Acesso em: 20 out. 2021.

CUNHA, Sofia Gelain da; SCHMIDT, Vitor Klein. **Redes, Etnia e Empreendedorismo** - o Caso da Rede de Cooperação Reafro. RS, 2019.

DIHL, Estelamaris de Barros; WAISMANN, Moisés; BEM, Judite Sanson de. Um Estudo sobre as Mulheres e seus Negócios: perfil, oportunidades e limitações. In: I Congresso Internacional e III Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional, 2021, Taquara. **Anais do I Congresso Internacional e III Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional**. Taquara: FACCAT, 2021. p. 1-17. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/?q=node/4844>. Acesso em: 15 set. 2021.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo para visionários, desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação**. São Paulo: Editora Empreende, 2019.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios**. São Paulo: Editora Empreende, 2021. 9786587052083. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786587052083/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

GARCIA, renato *et al.* **Empreendedorismo Acadêmico No Brasil: Uma Avaliação Da Propensão À Criação De Empresas Por Estudantes Universitários**. Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business, São Paulo, SP, v. 1, n. 3, p. 36–63, 2013. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/39>. Acesso em: 11 mai. 2021.

GASPAR, Sérgio Ricardo. **Mulheres negras empreendedoras: contraponto a divisão sexual e racial do trabalho**. In: SENHORAS, Elói Martins (org.). Administração: Estudos organizacionais e sociedade Ponta Grossa: Editora Atena, 2021. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/54890>. Acesso em: 15 out. 21.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. São Paulo:Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Grupo GEN, 2019.

GOMES, Laura Aparecida Santos; BOURLEGAT, Cleonice Alexandre Le. Empreendedorismo étnico e de autoemprego em um olhar para as comunidades de imigrantes. **Interações**, Campo Grande, v. 21, n. 2, p. 317-330, 2020.

GOVERNO DO BRASIL. **Governo anuncia medidas de ajuda econômica para micro e pequenas empresas**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/governo-anuncia-medidas-de-ajuda-economica-para-micro-e-pequenas-empresas>. Acesso em: 15 set. 2021.

GOVERNO DO BRASIL. **Micro e pequenos empresários contam com linha de crédito durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/trabalho-e-previdencia/2020/07/micro-e-pequenos-empresarios-contam-com-linha-de-credito-durante-pandemia>. Acesso em: 15 set. 2021.

GOVERNO DO BRASIL. **Lei nº 14019, de 2 de julho de 2020**. 2020a. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.019-de-2-de-julho-de-2020-264918074>. Acesso em: 15 set. 2021.

GOVERNO DO BRASIL. **Pronampe beneficia mais de 500 mil empresas.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/trabalho-e-previdencia/2021/01/pronampe-beneficia-mais-de-500-mil-empresas>. Acesso em: 10 set. 2021.

GRECO, Simara Maria de Souza Silveira (cord.). **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil:** 2019. Curitiba: IBQP, 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GUEDES, Alexandre Marcelo Coutinho. **Subjetivação da ação empreendedora por mulheres na perspectiva da psicodinâmica do trabalho.** 2020. 272 f. Tese (Doutorado) -Departamento de Administração, Universidade Estadual de Maringá, MARingá, 2020. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6215>. Acesso em: 9 nov. 2021.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPERD, Dean A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Grupo A, 2014. 9788580553338. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580553338/>. Acesso em: 05 mai. 2022.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Brasil: IBGE - Estudos e Pesquisas, n. 41, 2019a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

IBGE. **População residente, por sexo e cor ou raça.** 2019b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6408#resultado>. Acesso em: 20 out. 2021.

IBQP. **Empreendedorismo no Rio Grande do Sul.** Rio Grande do Sul: GEM, 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Infogr%C3%A1fico-GEM-RS-2018.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

IBQP. **Empreendedorismo no Rio Grande do Sul.** 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Empreendedorismo%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul%202018%20-%20web%20compactado.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

IBQP. **Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade.** 2022. Disponível em: <https://ibqp.org.br/gem/programa/>. Acesso em: 20 out. 2021.

IRME. Instituto Rede Mulher Empreendedora. **empreendedorismo no brasil um recorte de gênero, 2019.** https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1571769199Ebook_Pesquisa_Rme_2019.pdf. Acesso em: 15 out.2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

LIMA, Márcia; RIOS, Flavia; FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In: MARCONDES, Mariana Mazzini *et al* (org.). **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013

LOPES, Fernanda Tarabal. **Entre o prazer e o sofrimento**: histórias de vida, drogas e trabalho. 2013. 190 f. Tese (Doutorado) - Centro de Pós-graduação e pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MACHADO, Lilian Sampaio Souza. Empreendedorismo Feminino Mulheres Negras Pioneiras No Brasil. In: **Simpósio de Iniciação Científica**, 2017, São Paulo. Disponível em: https://www.academia.edu/36294172/Empreendedorismo_Feminino_Mulheres_Negras_Pioneiras_No_Brasil. Acesso em: 30 ago. 2021.

MACHADO, Simone Silva Porto; PAES, Kettle Duarte. **Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande- RS**. BrazilianJournalofDevelopment, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 45693-45715, 2021.

MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* (org.). **Dossiê Mulheres Negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978. Acesso em: 10 set. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Mapa de empresas**: Boletim do 3º quadrimestre de 2020. Brasília: Departamento Nacional de Registro Empresarial e Integração, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-do-3o-quadrimestre-de-2020.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

NASSIF, Vânia Maria Jorge; CORRÊA, Victor Silva; ROSSETTO, Dennys Eduardo. **Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do COVID-19**. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 9, n. 2, p. 1-12, 2020.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória e história: potencialidades da história oral. **ArtCultura**, v. 5, n. 6, p. 27-38, 2003.

NOGUEIRA, João Carlos (Org.). **Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-brasileiro**: desafios históricos e perspectivas para o século 21. Florianópolis: Atilênde, 2013.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; SANTOS, Edy Lawson Silva. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 3, 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Benedito de; OLIVEIRA PESSETI, Angelica de. **EMPREENDEDORISMO NEGRO**: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado,

2020. Disponível em: http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjgzMDY=. Acesso em: 19 set. 2021.

PLANALTO. **LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020**. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

PASSOS, Ana. **A Socialização da População Negra no Pós-Abolição de não Trabalhadores Assalariados a Afroempreendedores**. 2020. 112 f. TCC (graduação) - Ciência Política e Sociologia, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

PORTO ALEGRE. **Decreto nº 20.534, de 31 de março de 2020**. Decreta o estado de calamidade pública e consolida as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus (COVID-19), no Município de Porto Alegre. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2020.

PORTO ALEGRE. **Pesquisa revela que capital tem mais de 218 mil empreendedores**. Publicado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smdet/noticias/pesquisa-revela-que-capital-tem-mais-de-218-mil-empreendedores>. Acesso em: 20 set. 2021.

PRETAHUB. **Feira Preta: Empreendedorismo negro no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.planocde.com.br/pesquisa-empreendedorismo-negro/>. Acesso em: 15 Out. 2021.

REIS, Andrielle Monique Santos dos. **Ujima Circuito Afroempreendedor: Memória do Projeto Cultural**. 2019. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2019.

REIS, Lisandra Brenda Bezerra. **Empreendedorismo materno: mulheres que abriram o próprio negócio após o nascimento dos filhos**. 2018. 46f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal no Maranhão, São Luís, 2018.

REZENDE, Ana Flávia; MAFRA, Flávia Luciana Naves; PEREIRA, Jussara Jéssica. Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities for resistance in the social (re)construction of black identity. **Organizações e Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589-609, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/QNkBkYKjbmshzKB74DYL7RF/?lang=en#>. Acesso em: 20 out. 2021.

RIBEIRO, Bianca Marques; SANTOS, Joyce Donizete dos. **Os desafios da mulher empreendedora perante o cenário da COVID-19**. 2021. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O perfil do empreendedor negro no Brasil**. Publicado por Portal Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-perfil-do-empreendedor-negro-no-brasil/>. Acesso em 20 out. 2021.

Ribeiro, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Djamila Ribeiro – 1ª Ed. - São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Matilde. Empreendedorismo negro como forma de enfrentamento às desigualdades raciais. In: NOGUEIRA, João Carlos (org.). **Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-Brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21.** São Paulo: Editora Atilénde. 2013, p. 247-264.

SALIM, Cesar. **Introdução ao Empreendedorismo.** São Paulo: Grupo GEN, 2009. 9788595154414. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595154414/>. Acesso em: 05 mai. 2021

SANTOS, Edy Lawson Silva. **Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro.** 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Administração, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017a.

SANTOS, Edy Lawson Silva; Oliveira, Josiane Silva de. (2019). **Práticas, raça e organizações empreendedoras: um estudo com empreendedores negros na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro.** Encontro Nacional de Estudos Organizacionais – EnEO. . Disponível em: http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjU4NDU=. Acesso em: 15 mai. 2021

SANTOS, Lucas Vinícius Correa dos. **Uma escuta a afroempreendedores: meandros e as interfaces do empreendedorismo de pessoas negras.** 2017. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2017b.

SEBRAE. **O que é empreendedorismo feminino.** 2021. Disponível em: <https://www.sebraeatende.com.br/artigo/o-que-e-empreendedorismo-feminino>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SEBRAE. **Perfil do MEI: Conheça as características do Microempreendedor individual.** 2019. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-do-microempreendedor-individual/#infografico>.

SEBRAE. **Relatório especial MEI 10 anos.** 2019a. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/09/MEI-10-anos-p-impressao-v3_compressed.pdf. Acesso em: 01 Mar. 2022.

SEBRAE. **Relatório especial: empreendedorismo feminino no Brasil.** 2019b. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

SEBRAE. **Saiba tudo sobre o Pronampe.** 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/saiba-tudo-sobre-o-pronampe,90300604aa332710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 20 set. 2021.

SILVA, Gleicy Mailly da. **Cultura negra e empreendedorismo**: Sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. Anuário Antropológico, v. 43, n. 1, p. 11-36, 2018. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas_vol_43_n1_julho_2018/artigo_cultura_negra.pdf. Acesso em: 5 mar. 2022.

SILVA, José Alan Barbosa da; SILVA, Murilo Sergio Vieira. **Análise da evolução do empreendedorismo no Brasil no período de 2002 a 2016**. Revista Estudos e Pesquisas em Administração, v. 3, n. 2, p. 115-137, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/8674>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SILVA, Mygre Lopes da; SILVA, Rodrigo Abbadeda. **Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia do covid-19: impactos e reflexões**. Observatório Socioeconômico da COVID-FAPERGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discuss%C3%A3o-07-Economia-Brasileira-Pr%C3%A9-Durante-e-P%C3%B3s-Pandemia.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SILVA, Walyson Monteiro da *et al.* **Marketing digital, e-commerce e pandemia: uma revisão bibliográfica sobre o panorama brasileiro**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 10, n. 5, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15054>. Acesso em: 21 mar. 2022

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique; MORAIS, Fausto Santos de. **Identidade, Reconhecimento e Personalidade: Empreendedorismo Da Mulher Negra**. EconomicAnalysisof Law Review, v. 9, n. 3, p. 229-242, 2018.

TAJRA, Sanmya. F. **Empreendedorismo conceitos e aplicações**. São Paulo: Editora Saraiva, 2019.

TEIXEIRA, Lineker Gomes. **Afroempreendedores: desafios e oportunidades para empreendedores negros no distrito federal**. 2017. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Departamento de Administração, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/20741>. Acesso em: 22 mar. 2022.

VERDÉLIO, Andreia. **Empresas lideradas por mulheres negras são mais atingidas por pandemia**. Publicado por Agência Brasil. 2020 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/empresas-lideradas-por-mulheres-negras-sao-mais-atingidas-por-pandemia>. Acesso em: 10 Fev. 2022.

VERGA, Everton; SILVA, Luiz Fernando Soares da. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

Zarpellon, Sérgio. Cristóvão. (2010). **O empreendedorismo e a teoria econômica institucional**. Revista Iberoamericana de Ciências Empresariales y Economía, 1(1), pp. 47-55.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Informações Básicas:

- a) Idade;
- b) Nível de Escolaridade;
- c) Estado Civil;
- d) Possui filhos; quantos;
- e) Qual o ramo do seu negócio;
- f) Porte da empresa;
- g) Há quanto tempo está no mercado como empreendedora?

2) Conte-me sobre sua trajetória empreendedora.

- Antes de ser empreendedora;
- Motivações que levaram a empreender;
- Como é ser uma mulher negra empreendedora;
- Desafios enfrentados no empreendedorismo;
- Como lidou, caso tenha passado por algumas discriminações.

3) No contexto da Pandemia, conte como está sendo lidar com essa fase:

- Dificuldades enfrentadas;
- Aprendizagens;
- Problemas como resolveu;
- Necessidade de recursos financeiros;
- Rendimentos do negócio na pandemia.

4) Conte se houve algum processo de mudança no seu empreendimento.

5) Como se sente em relação ao futuro como empreendedora?

6) Comentário ou contribuição.

ANEXO I

Termo de Consentimento

Eu, _____, natural de _____, no estado de _____, e atualmente residente na cidade de _____, _____ (país), declaro que participei da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso: Administração, de Fernanda Franciane Correa Rodrigues, brasileira, 01638029040, residente em Porto Alegre-RS.

Estou ciente de que esta pesquisa servirá unicamente para fins acadêmicos e informativos, e que como tal poderá ser constar em artigos científicos e livros, apresentada em encontros acadêmicos ou veiculada em matérias de jornais, revistas, rádio, televisão e internet.

E tenho o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também me retirar da pesquisa a qualquer momento.

Pela parte da pesquisadora, essa se compromete a citar toda e qualquer declaração feita pelo (a) entrevistado (a), sem alterar nenhuma declaração, nem cortá-la de forma a tirá-la do seu contexto original. Compromete-se também a omitir a identidade do (a) entrevistado (a), se essa for a sua vontade. Da mesma forma, a pesquisadora compromete-se a enviar o material editado ao entrevistado (a) para aprovação prévia a sua publicação.

Data: __/03/2022

Assinatura Entrevistado (a)

Fernanda Franciane Correa Rodrigues
Pesquisadora

Fernanda Tarabal Lopes
Orientadora